

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI**  
**HISTÓRIA BACHARELADO ÊNFASE EM GESTÃO DO**  
**PATRIMÔNIO SOCIOAMBIENTAL**

**MEMÓRIAS DE AGRICULTORES: UMA ANÁLISE DAS**  
**TRANSFORMAÇÕES DA VIDA NO CAMPO E DOS IMPACTOS DOS**  
**AVANÇOS QUÍMICOS**

Nadia Rosane da Costa Jaques

Rio Grande

2014

NADIA ROSANE DA COSTA JAQUES

MEMÓRIAS DE AGRICULTORES: UMA ANÁLISE DAS  
TRANSFORMAÇÕES DA VIDA NO CAMPO E DOS IMPACTOS DOS  
AVANÇOS QUÍMICOS

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do Grau de Bacharel em  
História, Universidade Federal do Rio  
Grande – FURG.

Orientador: Daniel Porciúncula Prado.

Rio Grande

2014

### *O Tempo*

*Sou o tempo que passa, que passa  
Sem princípio, sem fim, sem medida  
Vou levando a Ventura e a Desgraça,  
Vou levando as vaidades da Vida.*

*A correr, de segundo em segundo  
Vou formando os minutos que correm...  
Formo as horas que passam no mundo,  
Formo os anos que nascem e morrem.*

*Ninguém pode evitar os meus danos...  
Vou correndo sereno e constante:  
Desse modo, de cem em cem anos,  
Formo um século e passo adiante.*

*Trabalhai, porque a vida é pequena  
E não há para o tempo demora!  
Não gasteis os minutos sem pena!  
Não façais pouco caso das horas!*

**Olavo Bilac**  
(1865-1918)

“Desde a infância penso em mim mesmo como alguém que queria viver naturalmente e respeitar a vida selvagem e a natureza. (...) Não foi apenas o impacto da *Primavera Silenciosa* que acabou com minha ingenuidade. Os anos 1960 foram a época em que a mecanização e os agronegócios arrasaram a região rural, comprometendo a vida selvagem. Fazendeiros sempre consideraram indesejáveis as coisas vivas que não fossem gado, plantações, mão de obra, e parentes; a indústria agora fornecia os biocidas. (...) As delícias da vida urbana começaram a ocupar as mentes da maioria, apressando seu afastamento da natureza. Agora, no século XXI, o mundo humano da cidade é hegemônico e a região rural está meramente lá como um de seus serviços, para ser usada como um sistema de suporte de vida: um lugar para as fazendas de agronegócios, as centrais de tratamento de esgotos, os reservatórios e, agora, como um território amplo de energia alternativa para manter a cidade iluminada de maneira perfeitamente verde.”

(LOVELOCK, James, “Gaia: Alerta Final”, 2010, p 211.)

## **Sumário**

<b>Introdução</b> .....	06
-------------------------	----

### **Capítulo 1**

1.1 Novas formas de escrever a História .....	10
1.2 Observando as transformações do ambiente pela lente da História .....	13
1.3 O interior do Município do Rio Grande .....	16
1.4 O homem e o seu espaço .....	19
1.5 O lugar, os habitantes e suas singularidades.....	21

### **Capítulo 2**

2.1 Conversando com seus moradores .....	25
2.2 Acordando velhas lembranças .....	26
2.3 O fantasma que chegou nas águas dos arrozais .....	35
2.4 De árvore amiga, a solidão da mata.....	43

<b>Considerações finais</b> .....	52
-----------------------------------	----

<b>Referências</b> .....	55
--------------------------	----

<b>Fontes</b> .....	56
---------------------	----

<b>Fontes orais</b> .....	56
---------------------------	----

## INTRODUÇÃO

Por ter nascido e morado na área rural do Rio Grande, no 5º Distrito, adulta na localidade denominada “Sarandi”, convivi ao longo da vida com transformações ambientais, sociais, e tecnológicas que esse espaço geográfico e as suas culturas foram sofrendo com a introdução de agrotóxicos potentes, máquinas agrícolas, e novos tipos de cultivos e utilização da terra.

Recordo-me ainda de quando emas, por nós, denominadas “avestruz”, corriam pelo campo com seus filhotes, ou guardavam corajosamente os seus ninhos de ovos enormes aos olhos de uma criança; mal sabia eu ser os estertores de uma espécie em extinção naquelas plagas, pois brevemente caçadores irresponsáveis atrás de suas penas utilizadas em espanadores de pó e os venenos introduzidos nas lavouras, iriam fazer desaparecer aquelas belas aves que alegravam nossos campos.

Outra lembrança que hoje reflito como uma marcante transformação é quando os arrozais chegaram as terras aonde fui criada; menina pequena deslumbrava-me ante as vilas que surgiam celeremente, trazendo “enxames” de pessoas, famílias inteiras, inclusive com crianças para o trabalho na lavoura. Lavouras efetuadas nesta época quase sem mecanização, somente com alguns tratores para a aração da terra, mas que das construções de “marachas” (curvas de desníveis para distribuição de água na lavoura) a colheita do arroz, tudo era realizado por mãos humanas, o produto segado com foices e recolhida em carroções de tração animal. Ainda podemos encontrar indivíduos que quando criança trabalhou junto a seus pais em meio à água na colheita dos arrozais.

Porém, logo a transformação tecnológica invariavelmente se fez presente, e com a automatização da colheita modificou-se a forma de trabalho e inclusive o perfil do trabalhador que muito diminuiu em quantidade; surgiram potentes agrotóxicos nas lavouras, que logo passariam a ser dispersos aereamente, e a terra cada dia mais desnuda e profanada; a agricultura familiar com que subsistíamos em safras anuais teve que ser complementada, o gado até então criado já não habitava os mesmos espaços, começaram a ser cada vez mais reduzidos e empurrados para o banhado, as terras alagadiças em períodos de cheia. Os rebanhos de ovelhas foram diminuindo, para atualmente desaparecer quase que completamente. Então, como alternativa começamos a aumentar as vacas leiteiras para

produção do queijo artesanal que sustentaria a família, ainda que de forma rudimentar; pois assim como as terras de nossos vizinhos, o espaço cedido a meu pai na antiga forma gaúcha de “posteiro”, agregado de fazenda sem vínculos empregatícios, era cada vez mais velozmente transformado, invadido, e não só onde morávamos; as transformações foram alargando sua área de ação e em pouco tempo tudo estava diferente. Mudanças nem sempre negativas, pois algumas inovações trouxeram melhorias as lidas do dia-a-dia e alguns confortos até então inimagináveis famílias paupérrimas como a nossa, assim como a luz elétrica, o refrigerador, a televisão, ou um simples banheiro com chuveiro e vaso sanitário.

Desde seus primórdios, a humanidade vai modificando seu espaço geográfico através das formas de cultivo e da tecnologia empregada o adaptando conforme sua necessidade imediata. Aqui não foi diferente, o tempo foi passando e a história continuou seu curso; muitos filhos dessa terra partiram em busca de novas formas de viver, os mais antigos como meu pai já não existem mais, os resilientes buscaram acomodar-se aos novos tempos, novas transformações, novas culturas, outros olhares sobre o seu cotidiano.

Hoje onde cresci já não existe mais agricultura familiar, ninguém consegue sobreviver de safra, o ganho precisa ser mais imediato para suprir as necessidades diárias que em tempos de globalização são outras. Os arrozais ainda persistem, mas quase sem trabalhadores pela implantação de novas tecnologias desenvolvidas. Alguns formaram leitarias fartamente distribuídas nessa área, outros venderam suas terras e partiram, surgindo então nova metamorfose nesse meio ambiente que agora ocupam amplos espaços, os eucaliptais que transformaram a paisagem com os seus imensos espaços verdejantes e solitários. A escola onde estudei que ficava a quase três quilômetros de minha morada atravessando cercas por entre campos, foi desativada e seu nome repassado à área urbana do município, estando hoje locada na Vila Mangueira na cidade do Rio Grande.

O tradicional morador rural mudou sua fisionomia e adaptou-se na conquista de sua subsistência, mas jaz esquecido por ser pequeno e sem voz frente a história escrita por quem tem posses, porém, ainda traz marcada em sua memória uma paisagem que somente vivencia através de suas lembranças quando alegremente relatadas numa roda de conversa entre os amigos, legando a sua família uma herança dos tempos em que alegrias simples e dificuldades se mesclavam. De quando homem e natureza conviviam de certa forma com respeito, harmonia e paz. Lembranças de um tempo onde a caça era abundante e livre, porém, utilizada para a subsistência, quando os bandos de “marrecões”<sup>1</sup> eram ansiosamente aguardados por

---

<sup>1</sup> Tipo de pato selvagem.

ser época em que a carne seria farta em nossas mesas, alimento muitas vezes restrito ao essencial por ser parte do parco patrimônio de alguns como nós.

Para as gerações mais jovens a realidade é outra, e sequer conseguem imaginar certas formas de viver. Aos seus ouvidos é uma existência tão absurdamente diferente que torna difícil de acreditar que foi logo ali, a poucos anos atrás, muito recente em termos de história. Essas são algumas lembranças elencadas por minha memória, entretanto, há muito tempo encontro-me residindo na área urbana, outras, são as dos que ainda habitam no campo vivenciando as mudanças por dentro e também se transformando com elas. Por esse enunciado, observamos a relevância do registro dessas memórias, lotadas em um período rapidamente transformado, são histórias que se dissiparão no vácuo, perpetrando essa lacuna das vivências de nossa população camponesa.

Na área rural do Rio Grande, como na maior parte do globo, o meio-ambiente vem sendo modificado a cada momento em sua história, e a velocidade com que as informações chegam ao mais remoto dos cantos não permite aos homens sequer pensarem sobre o universo em que está inserido; cabe ao historiador essa ação reflexiva em cima de um passado, nem tão distante assim, perpetuando através das letras um estilo vivenciado que tende a se desvanecer nas brumas do tempo. Delimitamos esse trabalho a visão de moradores de uma pequena área do município, a localmente conhecida como “Siola”, e entre as localidades do “Sarandi” e “Belendengue”, num recorte de tempo de mais ou menos cinquenta e poucos anos, entre a década de 60 até a atualidade, quando se intensificaram a velocidade das mudanças no interior do município, como uma pequena amostra do nosso trabalhador rural e suas singularidades até então invisíveis.

Segundo Norbert Elias (1994), cada comunidade tem uma forma peculiar de vivência que só pode ser entendida “em termos de sua vida em comum com os outros”, cada espaço, com suas “leis autônomas” da rede de relações humanas onde está inserido. Cabe ao historiador subsidiado por outras ciências, descortinar essas nuances para registrar os efeitos das ações transformadoras do homem no seu ambiente, e na sua visão de mundo, como era, e como é no presente, percepções provenientes desse processo dinâmico que se faz nesse local. Este trabalho é um apêndice introdutório para que novos pesquisadores possam em futuros trabalhos terem subsídios a seus estudos, para que se possa apresentar a história do município do Rio Grande como é em sua pluralidade, com sua múltipla riqueza em nuances de viveres como certamente o tem.

As obras teóricas nas quais fundamentamos nosso trabalho são relevantes no que tange a linha pela qual nos guiaremos, bem como o ângulo pelo qual será abordado nosso tema, que explicitará o porquê do material selecionado e a metodologia utilizada. Nos amparamos em Le Goff (1998) e Sandra Pesavento (2004) no relativo a Nova História Cultural, utilizando a metodologia da História Oral, para a qual nos embasamos na obra de Paul Thompson (1998), sendo esses destacados autores nas áreas pertinentes ao assunto. No âmbito da História Ambiental, também presente nesse trabalho, fundamentaremos nossa pesquisa em Donald Worster (1991) e nos reconhecidos teóricos brasileiros José Augusto Pádua (2010) e Paulo Henrique Martinez (2006), basilares nessa temática, dialogando com a obra de Rachel Carson (2010). Por ser essa uma área transdisciplinar também utilizamos autores da Geografia como Milton Santos (1978) e Eurípedes Falcão Vieira (1983) complementado assim nosso arcabouço teórico.

A partir dessa exposição de minhas reminiscências e conjecturas apresentadas, faremos então um breve resumo do que se apresentaremos a seguir no presente trabalho.

No primeiro capítulo explanaremos um pouco sobre as correntes teóricas utilizadas nessa pesquisa e sobre a metodologia empregada, dialogando com alguns autores inclusive os da História Ambiental. Logo a seguir trataremos uma breve introdução sobre o interior do nosso município e as transformações que ali foram ocorrendo. Apresentaremos também um pouco desse habitante, seus medos e anseios, e como interage com o espaço em que vive. Abordando igualmente a singularidade do homem do campo e buscando situar o espaço focado, assim como as nomenclaturas por que são designados, pincelando um brevíssimo esclarecimento sócio geográfico.

Já no segundo capítulo iniciamos uma apresentação das experiências vivenciadas pelos entrevistados, focando mais nas próprias entrevistas, apresentando suas reminiscências através de fragmentos destas, dialogando diretamente com as mesmas. Após “acordar velhas lembranças”, formatamos mais dois tópicos distintos por sua atual relevância nesses espaços, cujos assuntos são: os venenos que surgiram pós década de sessenta, sua introdução descuidada, e seus aperfeiçoamento e continuidade ao longo do tempo; e a silvicultura de eucalipto que aqui foi introduzida após a virada do século XXI. E partimos então para as nossas considerações finais. Eis ai o roteiro do que lhes irá acompanhar.

## CAPÍTULO 01

### A História, o homem e o seu meio ambiente

#### 1.1 Novas formas de escrever História

Segundo Le Goff, “No decorrer dos dez últimos anos, a história caminhou depressa. Não só a história que se faz no mundo, que os homens vivem como também a história que os historiadores fazem” (LE GOFF 1998, p2), se reportando ao que hoje conhecemos como “história nova”, termo já empregado conforme Le Goff, por Henri Berr, historiador e filósofo francês, em 1930. Nascendo realmente e se consolidando na “Escola dos *Annales*”, de origem francesa, com a fundação da revista “*Annales d’Histoire Économique et Sociale*”, por Lucien Febvre e Marc Bloch, que se tornaria símbolo de uma nova corrente historiográfica.

A Escola dos *Annales* faz nascer uma crítica sobre a noção de fato histórico, visto que em sua concepção a história não é feita de uma realidade única e sim de nuances que fazem parte de um todo. Foi um novo olhar voltado ao antes invisível, globalizando toda uma gama de variantes que até então eram descartadas. A história deixava de ser estanque em si mesma e unia-se a outras ciências para buscar uma visão global dos acontecimentos, encadeando tudo na fina teia de Clio.

Mas conforme ela pregava em suas páginas, não ficou estagnada, atualizou-se, passando por várias fases e em cada uma delas destacados autores ficaram marcados na historiografia da mesma, tornando-se mais plural. Atualmente encontra-se na quarta geração, onde muito se produz no campo cultural aproximando a intelectualidade do homem comum, popularizando a história com releituras sobre fatos do passado ou interagindo com o presente, enfim, democratizando os saberes. Le Goff nos esclarece que:

Neste grande território da história que a nova história muito contribuiu para ampliar, sem perder de vistas fronteiras que não devem ser barreiras, mas interfaces com as outras ciências sociais, fronteiras permeáveis, submetidas a fluxos e refluxos, onde se elabora a boa terra de uma interdisciplinaridade verdadeira, (...). (LE GOFF, 1998, p.6).

Podemos compreender disso, que ela nos habilita a utilizar uma ampla série de possibilidades abrindo um variado leque temático, seguindo por essa linha teórica vamos ao encontro à Nova História Cultural com a qual respaldamos nossa pesquisa, abrindo o caminho

para a História Ambiental através da metodologia da História Oral temática. Por ser esse um campo de transversalidade, nos permitirá uma dialógica dinâmica com aportes de outras áreas do conhecimento como a Geografia, por exemplo, que nos auxiliará a compreender a complexidade que envolve o universo dos homens na natureza e suas interações, Milton Santos em sua teoria dos espaços nos explicita:

... O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total. (SANTOS, 1978, p.171)

Nada melhor para conhecer essa práxis do que através da metodologia da História Oral, que como podemos observar se coaduna plenamente com a Nova História e a História Ambiental, abordadas nesse trabalho, pois as observações coletadas tratam da metamorfose que esse ambiente vem sofrendo, e que ainda está em curso, não há uma releitura da história, há uma história em andamento, ainda em transição, no aguardo do próximo passo, pois segundo Sandra Pesavento:

... tal campo implica tomar esta História na qual os acontecimentos estão ainda a se desenvolver. Trata-se de uma História ainda não acabada, em que o historiador não cumpre o seu papel de reconstruir um processo já acabado, de que se conhecem o fim e as consequências. (...), pois o historiador é contemporâneo e, de uma certa forma, testemunha ocular de um processo que ainda se desdobra e do que não se conhece o término. (PESAVENTO, 2004, p.93).

A oralidade acompanha as reminiscências humanas a longos séculos, as Histórias primevas foram preservadas através da oralidade e assim repassadas a cada geração; devido a ela muito do que foi feito e produzido no mundo chegou até nosso conhecimento.

Com o advento da escrita, esses acontecimentos foram sendo codificados nas mais diversas formas nas diferentes áreas do globo transformando-se a preservação das ações do homem no tempo, ficando essa memória agora gravada em símbolos ideográficos, centrada nas mãos de alguns poucos privilegiados prevalecendo então a história dos grandes feitos, dos grandes homens, mas sempre a visão dos vencedores em detrimento do cidadão comum. Thompson nos recorda que os historiadores pertenciam a classe dominante ou a ela serviam, daí a relevância dada ao aspecto político modelado conforme a sua imagem ou a necessidade de legitimação desse poder. Assim nos explicita:

Antes deste século, o enfoque da história era essencialmente político; uma documentação da luta pelo poder, onde pouca atenção merecem as vidas das pessoas comuns, ou as realizações da economia ou da religião, a não ser em tempos de crise, como a Reforma, a Guerra Civil inglesa, ou a Revolução Francesa. O tempo histórico dividia-se segundo reinados e dinastias. Até mesmo a história local preocupava-se mais com o governo do distrito ou da freguesia do que com o dia-a-dia da vida da comunidade e das ruas. (THOMPSON, 1998, p.22).

Thompson ressalta também que a História Oral tem uma finalidade social, esse é o seu maior desafio sendo por isso temida por alguns historiadores e tão utilizada por outros após sua redescoberta e metodização.

A História Oral surgiu como atividade organizada nos Estados Unidos, em meados do século passado, porém o *boom* da História Oral nesse país vai ser em fins da década de 60 início da de 70, época em que também começa seus ensaios no Brasil, com o Museu de Imagem e Som em São Paulo.

Hoje se encontra consolidada em nosso país, sendo bastante debatida através de seminários, grupos especializados e literaturas da área, assim como em diversos países do mundo. A História Oral é ramificada em alguns tipos, entre eles a “temática”; sendo essa a metodologia que utilizaremos nesse trabalho pela conveniência a especificidade do assunto tratado. Formulamos questionários para através de depoimentos recolhidos construirmos um arcabouço de fontes orais, e subsidiadas por outros aportes buscaremos apresentar não só o processo da transformação rural do Rio Grande, mas também às visões do tempo presente em que está inserido e suas noções de pertencimento. Seguindo na esteira do acontecimento por meio dessas memórias, como um “coletor de fatos” do ontem voltado para a realidade do hoje, pois segundo Lucília de Almeida Neves Delgado:

O homem é um ser permanentemente em busca de si mesmo, de suas referências, de seus laços identificadores. A identidade, além de seus aspectos estritamente individuais, apresenta dimensão coletiva, que se refere a integração do homem como sujeito do processo de construção da História. A História, conquanto processo, é compartilhamento de experiências, mesmo que inúmeras vezes sob formas de conflitos. A memória, por sua vez, como um dos fatores presentes no resgate da história compartilhada, é esteio para auto reconhecimento. Mas a construção de identidades é também uma dinâmica através da qual a identificação das similitudes e a afirmação das diferenças situam o ser humano em relação aos grupos sociais que o cercam. (DELGADO, 2010, p.51).

Ao trabalharmos com a História Oral devemos levar em conta que estamos interagindo com fontes vivas, testemunhas dos acontecimentos, não esquecendo que essas lembranças são perpassadas pelas experiências vividas até então, sendo essas elencadas entre os seus silenciamentos, refletindo o cotidiano do “agora” tornando-se a sua história presente, é quase um “outro” em revisita ao passado. Sandra Pesavento vem nos alertar sobre isso:

O indivíduo que rememora amadureceu durante esse intervalo, ele re-elabora o que viveu a partir do tempo transcorrido, no qual absorveu as decorrências da situação outrora experimentada. Aquele que lembra não é mais o que viveu. No seu relato já há reflexão, julgamento, ressignificação do fato rememorado. Ele incorpora não só o relembrado no plano da memória pessoal, mas também o que foi ao nível de uma memória social, partilhada, ressignificada, fruto de uma sanção e de um trabalho coletivo. (PESAVENTO, 2004, p.95).

Portanto, conforme a autora, o material por nós coletado já será fruto do presente visto que tais relatos trazem a ressignificação da rotina atualmente vivida, porém, ainda sem perder a originalidade de experiência individual e única, mesmo estando inseridas num mesmo espaço. São lembranças inventariadas no recôndito interior de quem vivenciou e vive de um modo similar, trocando saberes e vivências, interagindo nas áreas sociais, familiares e produtivas, porém, filtradas pela personalidade própria de cada ser.

## **1.2 Observando as transformações do ambiente pela lente do historiador**

A preocupação dos homens de maneira global com o ambiente que o cerca, pode-se dizer que é historicamente muito recente, excetuando-se a preocupação de alguns estudiosos esparsos ao longo do tempo; no Brasil segundo Martinez se amplia somente na segunda metade da década de 90 conforme esse autor:

No Brasil, em decorrência desse cenário mais amplo, na segunda metade da década de 1990, as questões ambientais também ganharam maior visibilidade e materialidade. (...) O meio ambiente ingressou nas agendas econômica, política, educacional e, agora mais intensamente, universitária. Estas mudanças sociais e as medidas governamentais lançaram os historiadores frente a um problema epistemológico que, se não lhes é totalmente desconhecido, requer novo empenho analítico: a história do meio ambiente ou, em expressão mais sintética, a História Ambiental. (MARTINEZ, 2006, p.12).

As transformações industriais, tecnológicas, sociais e culturais ocorridas no mundo no século XX fez eclodir um movimento de feições preservacionista preocupado com a natureza, os animais, enfim, com a manutenção da vida ante as armas químicas que surgiam; e na sua esteira toda uma gama de químicas utilizadas nas lavouras de alimentos em geral, na busca de uma explosão produtiva, de forma indiscriminada e com estudos poucos profundos. Critica essa que redundaria na atual preocupação ambiental despertada pela polêmica obra “Primavera Silenciosa” de Rachel Carson, lançada em 1962 nos Estados Unidos.

Essa bióloga corajosamente elevou a sua voz num tempo em que a cultura científica encontrava-se obcecada pela revolução molecular e pela química de uso extensivo; conseguindo despertar os órgãos governamentais para um problema até então mascarado, a contaminação humana advinda das substâncias letais dos inseticidas sintéticos amplamente distribuídos no mundo todo. Nas primeiras páginas do compêndio faz um alerta ao mundo quando diz: *“A rapidez da mudança e a velocidade com que novas situações são criadas seguem o ritmo impetuoso e insensato da humanidade, e não o passo cauteloso da natureza.”* (CARSON, 2010, p.23). Estava nascendo aí um novo olhar sobre o manejar do homem sobre o seu espaço produtivo e de morada: qual o direito ético do humano sobre o mundo que o cerca, e o quanto lhe é permitido modificar sem sofrer desastrosas consequências?

Após essa polêmica se alçar no mundo, conceitos foram revistos e essa inquietação perpassou todos os campos da ciência reverberando nos espaços acadêmicos, e a História encontrou um nicho até então desconhecido, não poderia ficar apática ou manter-se à margem dessas discussões, pois necessitava compreender essas ações do homem no tempo, agindo não só como um espectador neutro e distante, mas com uma reflexão interventora no espaço em que se opera. Segundo Donald Worster:

A ideia de uma história ambiental começou a surgir na década de 1970, a medida que se sucediam conferências sobre a crise global e cresciam os movimentos ambientalistas entre cidadãos de vários países. (...). A história ambiental nasceu portanto de um objetivo moral, tendo por trás fortes compromissos políticos, mas, à medida que amadureceu, transformou-se também num empreendimento acadêmico que não tinha uma simples ou única agenda moral ou política para promover. Seu objetivo principal se tornou aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados. (WORSTER, 1991, p1.99)

Se fazia mister compreender como o ambiente natural impingia ao homem sua contextualização de vida ao longo do tempo, essa natureza recriada pelo ser humano,

primeiramente para servi-lo, e agora necessitada de socorro para que os homens também não sucumbissem. Quase o enigma da esfinge de Tebas: “*decifra-me ou devoro-te!*”

Ainda segundo Donald Worster:

A História não foi o único campo da ciência a ser atingido por essas preocupações emergentes; os acadêmicos em Direito, Filosofia, Economia, Sociologia e outras áreas foram igualmente receptivos. Certamente é uma receptividade permanente, que ganha importância à medida que as questões que a precipitam aumentam em urgência, frequência, e amplitude (WORSTER, (v2) 2002, p.25)

E analisa Worster, “*O historiador ambiental, além de fazer algumas perguntas novas, precisa aprender a falar algumas línguas novas.*” E, complementa Drummond analisando Worster,

Não era mais possível pensar na sociedade humana sem ancoragem no mundo natural. Curiosamente, foram cientistas naturais que de novo lideraram, nos movimentos ambientalistas ou nas instituições de pesquisa, um entendimento “ecológico” da sociedade e da cultura humana. (DRUMMOND, 1991, p.180)

Seguindo esse despertar ante os cientistas naturais, Martínez ao examinar esses “*novos diálogos para o conhecimento histórico*”, no Brasil, nos desafia com a seguinte questão: “*É possível uma prática historiográfica que, segundo Milton Santos, encontre nas várias formas de “ofensas a terra e a os homens”, produzidas no passado remoto e, sobretudo, recente, um objeto de estudo?*” ao que mais adiante responde:

Este questionamento inspirado nas questões da Geografia pode interessar também aos historiadores. (...). A própria natureza pode ser pensada, aqui, como uma “construção cultural”. Uma das peculiaridades mais destacadas da História Ambiental seria, assim, o exame das relações entre os seres humanos e, dentro e a partir delas, a análise das relações que se estabelecem com o mundo natural. (MARTINEZ, 2006, p.19)

Ainda conforme Martínez cabe ao historiador ambiental ter a perspicácia de ver o ambiente como construção da relação homem/natureza, valorado pela sua vivência cotidiana nesse espaço, nas formas construídas a partir de sua visão humana transfigurando o natural com a sua feição, e quais os anseios dessa população, devendo com suas reflexões, proporcionar subsídios para ações transformadoras tanto de âmbito local, como mais além, sendo esse o ponto crucial de seu papel social como profissional “conectado no tempo presente”, pois:

..., a História Ambiental no Brasil pode lançar luz sobre a racionalização das desigualdades sociais e dos interesses econômicos, contida na mistificação

do “progresso”, dos benefícios ou malefícios do emprego da ciência e da tecnologia na “conquista” da terra e da natureza e outros mitos criados, (...) (MARTINEZ, 2006, p.29).

Portanto, no trabalho introdutório que nos propomos, fomos buscar no testemunho de personagens que viveram e ainda vivem as transformações que o seu espaço rural vem protagonizando nas últimas décadas, e através de um breve estudo de caso em uma específica área de nosso município, analisar o impacto positivo ou não, que as implementações tecnológicas e a introdução do cultivo de espécies exóticas desencadeiam no meio ambiente e nos indivíduos que ali interagem e geram seu sustento através do produto do seu trabalho. Pois conforme Martinez: *“É preciso, ainda, atentar para as mudanças e as permanências nas formas como as sociedades humanas tem recorrido ao mundo natural para suprir suas necessidades biológicas e sociais ao longo do tempo”*. (MARTINEZ, 2006, p.39), e complementa: *“Houve recursos naturais que, importantes no passado, hoje não tem a mesma procura e utilização. (...), esses produtos foram substituídos por outros mais baratos, rentáveis, duradouros e mesmo disponíveis em maior escala nos mercados nacionais e internacionais.”* (MARTINEZ,2006, p.43)

As formas de produção e produto no campo sofreram uma mudança bastante significativa nas últimas décadas, transformações que o universo urbano desconhece ou simplesmente não tem a preocupação de pensar se no futuro ainda será possível suprir suas necessidades alimentares de forma natural. Muitos creem ser a natureza inesgotável fonte produtora não tendo o cuidado de pensar que a ação de hoje fatalmente se refletirá no futuro, a lei de “ação e reação” não isenta ninguém de suas responsabilidades.

### **1.30 interior do Município de Rio Grande**

Do ponto de vista geológico, o município do Rio Grande está situado em uma área considerada bastante jovem, porém, com uma história muito dinâmica. Por ser a cidade mais antiga do Rio Grande do Sul, desperta o interesse historiográfico nos mais variados temas, contando com renomados teóricos em sua História, como Luiz Henrique Torres e Francisco das Neves Alves. Porém, grande parte dessa historiografia esta voltada a área urbana do município, sendo a contemporaneidade da área rural um nicho a ser analisado. O meio rural com suas transformações e singularidade dos indivíduos, ainda encontra amplos espaços lacunares necessitando de estudos mais plurais e completos. Em trabalhos relacionados a área rural destacamos os de: Cledenir Vergara Mendonça (2006), Jonas Anderson Simões das Neves (2004) Silvana Monteiro Damasceno (2003), estes dois últimos com trabalhos sobre

orizicultura, e alguns trabalhos de Geografia como o de Gilberto Costa Duarte (2000). Sendo em sua maioria trabalhos pontuais de conclusão de curso, teses de mestrado, ou programas de Pós-Graduação em Educação, quase sempre voltados ao universo acadêmico.

Nos primórdios da colonização portuguesa, conforme Vieira, a cidade do Rio Grande foi altamente ligada as produções agropastoris, entretanto com o passar do tempo, foi modificando sua estrutura econômica do ponto de vista da dinâmica comercial e industrial, refletindo tais transformações inclusive na sua área rural. Hoje a transformação desse espaço é bastante significativa, pois com a mecanização da lavoura terminou desencadeando em plantações extensivas e na introdução de espécies exóticas, como o eucalipto. A alternativa de outras opções de produção e cultivo acabaram alterando o perfil do morador camponês e até mesmo causando o êxodo rural.

Ainda segundo Vieira, Rio Grande teve ritmos econômicos bem distintos, sendo o período agropastoril o primeiro de sua história na época do Brasil Colônia. Desencadeando após esse o desenvolvimento de *“pequenas economias agrícolas familiares”*, com predominância da horticultura, destacando o autor além da Ilha dos Marinheiros, localidades como a Quinta e Povo Novo, onde também se desenvolviam pomares de frutas. Com a propagação à posteriori de outros ciclos de produção, como o desenvolvimento industrial e portuário, estagnou-se o setor primário, ficando o pequeno produtor desmerecido ante a pujança de outros setores de desenvolvimento produtivo. Permaneceram no campo principalmente os remanescentes mais humildes desses campônios, que por sua vez mantiveram suas raízes e constituíram suas famílias ainda trabalhando de forma rudimentar e com poucas inovações tecnológicas. Este contexto ficou marcado pelos poucos recursos e a dificuldade de comunicação e transportes que por muito tempo permeou o nosso interior. Os grandes proprietários rurais, normalmente pecuaristas que sempre mantiveram seus bens através de trabalhadores contratados, conservavam uma mobilidade maior devido a possibilidade de investimentos estruturais, seja em estradas ou meios de transporte adequados a esses caminhos.

Muitos desses habitantes, em decorrência das mudanças ocorridas ao longo dos últimos anos, partiram para a área urbana em busca de trabalho. Este fenômeno se deu devido a diminuição da necessidade de mão-de-obra ou mesmo a busca de aperfeiçoamento intelectual e profissional, reflexo dos novos costumes que surgiram pelas mudanças na dinâmica social nas áreas rurais. Até poucos anos atrás a dificuldade de frequentar uma escola

era empecilho para o filho do camponês se manter no campo junto a sua família. Tais mudanças, conforme Vieira são frutos desses novos arranjos produtivos:

As mudanças estruturais na população dependem do tipo de organização social e das relações de produção dela derivadas. A evolução do processo produtivo com suas mudanças estruturais produzem conseqüentemente alterações em vários componentes da própria estrutura da população. Em Rio Grande o processo tem sido sensível. As grandes etapas do desenvolvimento econômico do município tem provocado profunda alteração na estrutura da população. (...). No Rio Grande de predominância agropastoril, o comportamento social e a estrutura da população eram fortemente marcados pelo tipo de sociedade rural, condicionadas a regras de evolução de pouca flexibilidade (VIEIRA, 1983, p.124,125).

O habitante do interior é muito parecido em sua forma de ver o mundo; independentemente da localidade em que reside, ao se encontrar em uma festa, numa feira ou em qualquer outro lugar, se reconhecerá pelos seus assuntos, tanto na forma de ser como na forma de cultivo ou de manejo com os animais, pois compartilham uma vivência análoga. Mesmo diferenciados por algum tipo de região, se de banhado, arenoso ou ilhéu, sua característica fundamental é parecida, e o seu caráter social do bem receber é inata a sua personalidade. Muitas vezes é discriminado por sua autenticidade ou pela simplicidade no vestir e no falar, e acaba sendo invisível a certos setores da sociedade, em que o poder aquisitivo fala mais alto e se valoriza o nível da cultura intelectual formal.

A partir da História Oral obtivemos informações dos colaboradores que da década de 1960 para cá muitas inovações foram surgindo na área agrícola do município, referindo mais especificamente onde focamos essa pesquisa. Como a introdução da cultura do arroz que foi uma dessas novidades, de lá para cá o desenrolar dos acontecimentos foram muito rápidos, como a diminuição da pecuária ao desenvolvimento do gado leiteiro. Novas tecnologias e manejos ampliaram o setor lácteo, e outras perdas e conquistas começaram a serem ali contabilizadas. O setor da agricultura familiar começou a se restringir a alguns espaços, e a cultura da cebola que foi bastante significativa até a década de setenta, vai decrescendo até praticamente quase acabar na atualidade.

Conforme informações obtidas na fala dos entrevistados, com o falecimento de antigos proprietários os herdeiros terminaram por vender suas terras, seja por terem ficado fracionadas em pequenos lotes tornando um espaço pouco produtivo a criações ou plantios, ou seja, pela busca de outros espaços e atividades devido as gerações mais novas já estarem habitando na cidade onde buscavam formas de vivências menos trabalhosas e com pequenos conforto básicos da área urbana que á tempo idos não era encontrado no campo.

Um novo tipo surge no campo, talvez mais estruturado visando uma produção mais técnica, especializada e produtiva. São outros tempos com outras características. A globalização também passou a modificar o interior do município da cidade do Rio Grande.

Nota-se ao conversar com esses pequenos produtores rurais, que eles tem consciência da necessidade de preservar o se habitat, empiricamente já sabem que a natureza deve ser respeitada, e que o todo é importante para seu equilíbrio. Quando surgem novas técnicas ou produtos buscam informação, seus efeitos e como manejá-los corretamente de forma segura para si e para o seu meio ambiente. Reconhecem a fragilidade de seu espaço e a necessidade de sua preservação. Segundo Vieira:

A posição geográfica do Rio Grande é de grande importância ecológica. (...). Há portanto um princípio essencial que deve ser levado em conta: o consumo, a renovação do recurso e a preservação do ambiente devem ser proporcionais, mantendo-se uma espécie de “constante ecológica”. Qualquer distorção nesse equilíbrio pode levar a degradação do meio e à eliminação da vida. (...), é necessário respeitar os ciclos de vida de outras espécies que são também integrantes da biosfera (...). O desenvolvimento das atividades humanas cria uma importante relação sociedade-natureza, decisiva ao meio ambiente (VIEIRA, 1983, p.155,156).

Algo que já podemos observar nesse morador rural da área que analisamos no município do Rio Grande, é a sua preocupação com a natureza e com o dito “equilíbrio ecológico”, ressaltado por Vieira. Seja preocupando-se pelo uso indiscriminado dos agrotóxicos ou uso extensivo da terra. Nota-se uma consciência despertada pelas informações que chegaram a quem vivencia o pertencimento<sup>2</sup> desse espaço no qual transita e o vê como parte integrante de si mesmo, sua casa, o seu mundo.

#### **1.4 O homem e o seu espaço**

Ao longo da história na estruturação cronológica do tempo/espaço por intelectuais e cientista, foram criadas ou construídas medidas que dessem conta dos processos naturais e sociais, mas não sem divergências entre os “tempos”: geológico ou cronológico para responder as questões do homem social. No decorrer dessas discussões já no século XX surge a primeira tentativa de acertar os ponteiros dos dois “relógios”, colocando então finalmente, a sociedade na natureza.

Uma das características fundamentais para que o ser humano possa reconhecer o seu lugar no ambiente onde está fundamentado seu ethos, é a sua noção de pertencimento. É se

---

<sup>2</sup> Utilizamos esse conceito no sentido Weberiano sobre os laços pessoais de reconhecimento, com uma visão igualitária de mundo, sentindo-se pertencentes a um mesmo espaço-tempo, de uma origem comum ao local.

encontrar como parte do meio ambiente onde formatou suas raízes; lugar que reflete seus sonhos e aspirações através de vivências experimentadas e partilhadas nesse território.

Em vista disso destacamos a relevância de nossa pesquisa por se tratar de um exercício interdisciplinar que busca apresentar as variantes desse indivíduo rural. Ao discutirmos o homem social no seu meio natural e as consequências de suas modificações, visamos observar a ação humana sobre o meio físico-material e se há rupturas na cultura local daí advindas. Ampliando assim, os debates sobre o ciclo econômico agrícola de nossa região, buscando no local, uma visão global das transformações do campo.

Pois segundo Pádua:

..., as formações da natureza estão sendo entendidas como configurações momentâneas de uma história de mudanças ao longo do tempo, cujo destino final é desconhecido, mesmo que muitas vezes elas pareçam infinitamente sólidas na sua temporalidade específica, por existirem numa escala muito superior ao do limitado "tempo social" humano. (PÁDUA, 2010, p.9)

Podemos entender a relevância do homem qual construtor e modificador de paisagem que se altera mais rapidamente no decorrer do tempo por essa intervenção exógena, e então buscar perceber o resultado destas modificações ainda em andamento através de relatos do vivenciado por moradores autóctones e trabalhadores desses espaços. Pois conforme nos explicita Drummond:

A pesquisa em história ambiental, de toda maneira, até pelo próprio fato de ser "ambiental", não costuma se fazer na abstração das teorias puras, mas sim nas contradições de lugares e experiências vividas. Na maioria das vezes, ela se dá por meio de recortes geográficos e biofísicos concretos: uma região florestal, uma bacia hidrográfica, uma cidade, uma zona agrícola etc. (Drummond, 1991, p.181)

O camponês de hoje reconhece que a manutenção e perpetuação da vida também se encontram refletida no seu modo produtivo e de vivência que propicia o conforto para o seu dia-a-dia, porém sem esquecer que de "*Gaia*" depende não só a sua vida, mas sim a de todo o planeta. E o camponês com a riqueza de sua experiência pode nos legar uma história repleta de ensinamentos de interação com a natureza, e uma aula de sobrevivência em paz com ela.

Este apêndice introdutório se propõe a observar a relação entre o homem e o meio ambiente em que vive, com vistas a reconhecer esse pertencimento e as suas percepções ante as transformações advindas do chamado "progresso". Da introdução de novos cultivos e o desenvolvimento de tecnologias agrícolas a eletricidade rural. Dos defensivos químicos ao êxodo populacional pela nova utilização dos campos.

Tanto pelo aumento dos arrozais como no caso das plantações de eucaliptos, uma árvore até então considerada “amiga” e geralmente de pequenos espaços ao redor das casas com suas variadas utilizações; e suas mudanças, agora híbrida e ocupando grandes áreas para uso industrial, diferentemente ao que servia anteriormente.

Buscamos perceber de que forma são sentidas estas transformações por quem ainda continuam em seu local e origem, como se adaptou, as melhorias que essas mudanças trouxeram a vida dos habitantes dessas localidades, como dela se utiliza e o que se mantém como antes, ou não. E as marcas que se fizeram, não só no local onde focamos essa pesquisa, como na ruralidade em geral.

Uma vez que este é um tema amplo e recente no tempo histórico, o enfoque dado por este trabalho é com o fim de trazer à tona algumas modificações já percebidas no espaço delimitado, espaço que dialoga com o lugar onde construí minhas raízes, parte de minha infância, construtor de minha noção de pertencimento ao meio ambiente dessa região e ainda muito ligada a esses que sempre farão parte da “família” a qual me sinto pertencente.

## **1.5 O lugar, os habitantes e suas singularidades**

Quando cogitei esse trabalho, o travei por questionar-me como poderia manter a neutralidade necessária frente um assunto que fala diretamente as minhas mais caras memórias? Como não emocionar-me, ou manter o distanciamento quando revolvo toda uma memória que também faz parte de mim? Como não sentir paixão ao despertar reminiscências muitas vezes silenciadas pela agitação da vida atual e urbana? Como não sentir-me envolvida com o material coletado? Como trabalhar assim com a História Oral?

Encontrei em Marcos Montysuma (2012) coragem para a empreitada, quando ao ler um artigo em que também apresentava essa mesma dúvida que sofria, encontrei a resposta nas palavras da professora Maria Odila Dias, conforme relata:

Tais perspectivas me incomodavam porque não via a menor possibilidade de discutir uma tem ética sem paixão, sem cumplicidade. Depois me emocionei ao apresentar um seminário no doutorado (PUC/SP), fiquei com a voz embargada, em silêncio por alguns instantes. Quando consegui expressar-me pedi desculpas por discutir o viver de seringueiros de modo tão apaixonado. A professora Maria Odila Dias imediatamente tomou a palavra e disse: “Só vale discutir História com paixão!” Essa postura (deveras diferente das anteriores) fez-me compreender que podemos trabalhar sem sofrer, discutindo tudo que bem entendermos, bastando para isso nos comprometermos em deixar claro, de modo coerente, como construímos o

referencial teórico-metodológico que sustenta as nossas buscas. (MONTYSUMA, 2012, p.56)

Assim me senti encorajada a seguir em frente, parti para a seleção de nossas fontes orais para esse trabalho, busquei essencialmente pessoas que tivessem nascido nessas áreas e que ainda permanecem nessa terra. Procurando apresentar uma visão abrangente no tocante a concepções do progresso local, selecionei algumas variações de idade, porém, entrecruzadas entre si, utilizando inclusive a visão de pai e filho, duas gerações que vivenciam experiências análogas, mas com visões pertinentes a suas gerações. Trabalhei com amostras de nascidos entre 1937 e 1962.

Os entrevistados são todos pertencentes às camadas mais humildes conforme o foco desse ensaio, e autóctones dessa região. Os moradores antigos mais abastados já faleceram e devido a divisão de seus bens por herança entre os seus filhos, que em sua maioria já habitavam na cidade, profissionalmente formados ou estabelecidos na área urbana, esses então, arrendaram ou venderam suas terras, e grande parte dessas se encontram atualmente nas mãos de arroteiros ou com silvicultura de eucaliptos.

Nessas localidades, como o comum em qualquer outra área rural, as pessoas tem em geral algum laço de parentesco entre si. O que pode ser facilmente observado no sobrenome dos entrevistados. Pois a cada geração, os jovens pela convivência através dos laços de amizade e solidariedade pelo que vivenciam em seu cotidiano e lazer, acabam entrelaçando maritalmente essas conexões. Devido a isso é muito natural encontrarmos residentes desses espaços com a mesma alcunha, pois em sua maioria são primos em variados graus. Quando encontramos um sobrenome diferente e formos buscarmos a raiz de sua descendência, certamente se encontrará uma consanguinidade em algum momento, endogenamente entrelaçado por parte de mãe, já que o sobrenome feminino acaba ficando oculto por ocasião do casamento, e na prole do mesmo gênero vai mais uma vez ser silenciado, desaparecendo com o passar do tempo, daí a relevância dada aos herdeiros de sexo masculino, para a perpetuação do nome da família.

Quando nesses lugares o “forasteiro” que chega e se aquerencia o adotando como seu lar, com o decorrer do tempo, também é agregado como parte dessa grande família camponesa apelos laços solidários que une os habitantes nesse espaço vivo pelo amor ao seu ambiente, se ligando de vez através dos filhos ali nascidos ou criados.

As entrevistas que compilamos foram de moradores dos locais conhecidos como: Sarandi, Belendengue, Siola, sendo que um dos entrevistados encontra-se atualmente locado na região da Palma; as quais são denominações de áreas de um mesmo espaço, pequenas

localidades assim reconhecidas; porém, todas pertencentes ao quinto distrito do Rio Grande cuja sede é a Vila da Quinta.

Sendo que a denominação “Siola” era até poucos anos atrás informal e adotada pelos moradores do lugar, pois oficialmente chama-se “Magalhães”, conforme registros notariais. Porém hoje, o nome já é reconhecido nas companhias de transportes coletivos de Rio Grande e Pelotas, que fazem as linhas Taim/ Chuí/ Santa Vitória do Palmar, e na Secretaria Municipal da Fazenda do Rio Grande.

Assim como alguns espaços apresentados como “Belendengue” por seus moradores e que, porém, em documentos oficiais encontra-se nesse local a nomenclatura de “Liscano”. O meio rural por sua singularidade, acaba tendo dessas particularidades relacionadas as suas alcunhas, pois os habitantes muitas vezes utilizam uma terminologia diferenciada oriunda de sua cultura local e própria.

Já o termo “Siola” advém do cognome de um antigo morador local, o senhor Marciolino Solué Barbosa dono de um armazém de campanha, a popular “Venda”, onde artigos dos mais diversos, das ferramentas aos adornos se mesclavam aos secos e molhados e bebidas no balcão. Comércio que servia a todos os moradores dessa cercania, vigorando o conhecido sistema do período, a compra de caderneta, cujos pagamentos em sua maioria eram efetuados somente em época de safra. Um comércio embasado na confiança e na honestidade dos fregueses, sendo a amizade e a necessidade o mais poderoso aval dessa confiança.

Desse estabelecimento comercial dependiam aqueles cuja dificuldade de locomoção e finanças tinham nele a única forma de suprirem suas necessidades básicas de consumo. A sua esposa Luiza, também foi a primeira professora da escola local, cujos registros iniciais datam de mil novecentos e trinta e seis. E onde muitos campônios receberam as primeiras luzes da alfabetização de suas mãos, entre eles minha mãe e seus irmãos (Essa escola acabou recebendo a denominação de *Franklin Roosevelt* ainda se encontra lotada nessa mesma localidade). Assim por sua notoriedade e atuação entre os habitantes locais a figura do senhor “Siola” ficou indelevelmente marcada como referência do lugar, o que permanece até os presentes dias. Informação repassada e confirmada por moradores antigos do lugar.

Esses locais referenciados ficam bastante próximos da Vila da Quinta, num distanciamento de mais ou menos dez quilômetros pela BR 471, a Rodovia Brigadeiro José da Silva Paes.

O local designado Siola, situa-se num pequeno espaço de aproximadamente um quilômetro paralelo a rodovia. Tanto a localidade do Sarandi como do Belendengue contam com estradas de nomes homônimos.

Sendo a estrada do Sarandi uma via municipal, utilizada por longo tempo, segundo moradores antigos, para acessar a zona do Taim. As estradas adentram a partir da BR em direção Oeste, Sudoeste. A do Sarandi adentra em direção Sudoeste rumando de encontro a estrada de Santa Isabel, vila às margens do canal São Gonçalo no vizinho distrito de Arroio Grande.

Já a estrada do Belendengue, é um caminho vicinal, seguindo a Oeste, da BR em direção a várzea de alagação da baixada da Lagoa Mirim, área alagada quando o canal São Gonçalo não consegue dar suficiente vazão ao excesso de suas águas para a Lagoa dos Patos. Essa estrada chega somente até o local onde se encontrava situada escola Ramiz Galvão, hoje não mais nesse ambiente.

Destacamos, porém, que como o foco de nosso trabalho são as transformações oriundas do progresso tecnológico pós década de sessenta, percebidas por seus moradores, essas superficiais informações geográficas do lugar são um mero apêndice ilustrativo.



**Figura 1:** Prédio desativado da Escola Ramiz Galvão –Belendengue

**Fonte:** Foto do acervo particular da autora



**Figura 2:** Área de vazante com enchente (beira da lomba- em frente a casa

de Remy D. Acosta e Dilma Lucy C. Acosta) –Belendengue – **Fonte:** Foto do acervo particular da autora.

## CAPÍTULO 02

### A memória e seus espectros à sombra dos eucaliptais

#### 2.1 Conversando com os moradores

Após selecionar os moradores com os quais compilaríamos nossas fontes, organizamos um modelo de questionário buscando padronizar os questionamentos, porém, priorizando a entrevista semi-aberta, saímos a campo em busca de nosso principal arcabouço documental. Já com prévio conhecimento que muito do que ouviríamos ou mesmo questionaríamos, seria fora do planejado e individualizado conforme livre vontade do colaborador e fruto da seleção de sua memória eletiva.

O tempo também foi bastante ingrato com a nossa pesquisa, pois, por haver sido um período bastante chuvoso algumas entrevistas tiveram de serem adiadas devido a dificuldade de acesso as residências, como a de Remy D. Acosta e Dilma Lucy C. Acosta, que moram junto a zona alagadiça de banhado e localmente conhecida como “beira da lomba”. E a estrada de acesso a casa tem se tornado intransitável em períodos chuvosos nos últimos tempos, principalmente após as plantações extensivas de eucaliptos dos quais estão cercados.

Nas conversas pré e pós-gravações, muitas informações foram apresentadas informalmente, pois as pessoas com quem conversei por sua simplicidade, se intimidaram frente ao gravador com receio de falar algum disparate ou errarem a pronúncia das palavras. De quase todos ouvi a frase: *“Não sei se conseguirei te ajudar, pois não sei falar direito!”* Como se houvesse uma forma correta de se expressar emoções que não seja pela autenticidade de nossas falas e com vocabulário relativo a nossa região e vivências, herança da cultura do lugar onde nos encontramos inseridos.

A cada entrevista novos olhares sobre a história das recordações, pois a memória vai sendo desperta conforme é construído um roteiro desta viagem pelo tempo, independente se distante ou não. As memórias são selecionadas conforme as vivências de cada um, algo muito marcante para determinado indivíduo pode ter sido totalmente silenciado em outro. Pois conforme Delgado:

A História é a consciência do passado no presente. É o reconhecimento da ação humana na construção da temporalidade da própria História. A História é, enfim, uma grande façanha que consiste na busca incessante de se conhecer o passado. Mas o passado é amplo, diversificado, inexpugnável em toda a sua dimensão. Tende a ser quase irreconhecível na sua integridade, pois também está sempre condicionado à visão e aos interesses do presente. O eterno presente faz com que o passado tenda a ser visualizado como nuvens em constante mutação e movimento. (...) Além disso, por sua amplitude e heterogeneidade, o passado foge a capacidade de apreensão – na sua inteireza – por qualquer ser humano. (DELGADO, 2006, p.56)

O que apresentaremos então são alguns fragmentos dessas Histórias, onde nos é exposto alguns pontos de suas vivências, como eram suas residências, formas de trabalhos, e cotidiano, contrapondo de sua infância e juventude aos tempos atuais. Através do caleidoscópio destas vidas observaremos uma amostra do trabalhador rural buscando legar ao futuro, vislumbres de como foi e hoje é, a vida do humilde habitante do campo que passa anônimo na multidão, simples, porém, tão rico em vivência e de História.

## **2.2Acordando velhas lembranças**

Como convivemos conjuntamente por um tempo e oriundos da mesma região, observamos em cada um, recordações similares as minhas na vida cotidiana. Casas humildes com piso de chão batido e com cobertura de palha de Santa fé – essa conforme Gilnei Machado é uma “gramínea” amplamente encontrada na planície do canal São Gonçalo e muito utilizada pelos moradores local “*para construção de telhados em substituição às telhas*” (Gilnei Machado, 2002, p22). A utilização do fogão a lenha que por muito tempo foi a única forma de preparar o alimento, ainda presente em alguns lares, e a água proveniente de cacimbas, hoje praticamente desativadas e substituídas por poços artesianos.

A agora indispensável luz elétrica substituiu a simplicidade do lampião a querosene, muitas vezes de fabricação caseira, pois tempos atrás quando conseguia adquiria-se o lampião *Aladin* com sua clara luminosidade, sempre era uma única peça, ficando o mesmo normalmente restrito a cozinha, cômodo principal na casa do campo. Ou mais próximo da atualidade o lampião “Liquinho” – ainda encontrados em lojas de materiais para *camping*, ou utilizado por alguns pescadores na área lagunar de nosso município na caça do camarão – com seus pequenos botijões de gás que parcamente iluminavam as modernidades vindouras e o ocaso de uma época.



**Figura 3:** Cacimba (poço) e lampião “Aladin”. **Fonte:** Foto do acervo particular da autora

Iniciamos o diálogo buscando despertar a lembrança de juventude de cada um, do tipo de residência, aos itens básicos de uma casa, água, luz, preparo do alimento. E a cada resposta, a casa humilde com piso de chão batido foi unânime a todos, e em sua maioria coberta com palha de Santa fé; com exceção a duas que tinham a modernidade das telhas, se encontrando ambas na já citada “beira da lomba” como nos diz Eledy Mendonça:

Sim! Quando eu nasci era uma casa humilde, de adobe e telha né? Morava na beira da lomba, todo o ano vinha enchente, que batia quase na porta da casa, lembro muito bem disso aí! Né? He... Fogão na época, não existia o fogo a gás. Quem tinha um fogareiro primo a querosene já era muito bom! Era fogão a lenha, minha mãe nos criou cozinhando em fogão a lenha, né? **(Eledy Mendonça, 76 anos, Palma)**

Outra casa que também era com telhas e também piso de chão é a do RemyD. Acosta, vizinho de infância do acima citado. A casa de adobe também foi comum a quase todos com que conversamos com exceção a Dilma Lucy C. Acosta, cuja casa era em madeira conforme expressa: “É... Fui criada numa casa de palha de santa fé, de tábuas, piso de chão. Piso de chão batido.” Podemos observar também que a diferença de idade não distancia as formas de vida e habitação, pois as casas erigidas na área rural normalmente eram de longa duração e mais de uma geração passavam por elas. Suas configurações eram reproduzidas e os materiais eram os mais facilmente encontrados, daí o porquê de muitos como eu terem sido criados em casa

com cobertura de palha de santa fé, algo que era abundante em nossos banhados, mas hoje encontrado em bem menor quantidade.



**Figura 4:** Casa de adobe do início do século XX, hoje com telha sobre a palha de santa fé. **Fonte:** Foto do acervo particular da autora.

Na resposta do mais novo do entrevistado encontramos a confirmação disso:

... Naquela época a água era tirada em cacimba, a casa era casa de adobe, de palha em cima! (Palha de santa fé?) Isso, palha de santa fé! Fui criado ainda nessa época, de termos as nossas terras, (denominação dada aos espaços plantados), terras de milho, plantando ervilha, feijão... Criado na época da pobreza! **(Clóvis Eledy Diniz Mendonça, 51 anos, Sarandi)**

Quando a palavra pobreza vem à baila, não é com sentimento de tristeza que a ouvimos, mas sim com certo orgulho de ter sido criado principalmente de forma honrada e construído sua personalidade através do trabalho. Pois no campo desde criança temos obrigações com a lida dos animais e auxílio na plantação. Desde cedo a criança desse tempo já era colocada sobre o cavalo que puxava o arado para seu pai preparar a terra para o plantio. E todos falam com carinho de seu tempo de “escassez” ou do trabalho pesado, completando com a seguinte frase: *“A gente teve uma infância pobre, mas, uma infância feliz!”*.

Na preparação do alimento por muito tempo somente era utilizado o fogão de lenha, muitas vezes sendo esse produto do próprio trabalho artesanal de quem pouca posse tinha, como na casa de Dilma Lucy C Acosta:

O alimento era... Era feito num fogão... Mas isso no início, quando eu era menina, que eu me lembra; a minha mãe tinha um fogão, “sentado”; como chamava... Como diziam, é assim que se diziam! “Sentado no barro”! Tinha portinha, tinha porta do... de colocar a lenha, de... O forno para assar pão! Mas ele era sentado... (Ele era feito tipo de adobe, assim?) Isto! “Sentado no

*barro”, como diziam sempre! Não era... Ele era fixo!* [Não era os de ferro barro” como diziam sempre! Não era... Ele era fixo! (não era os de ferro comuns aqueles?) Não! Não, era fixo!! Depois com o passar dos anos que a minha mãe comprou fogão!! (**Dilma Lucy Acosta, 60 anos, Belendengue**)

Mais uma vez podemos observar que esses campônios não se entregavam ante a dificuldade, desenvolviam métodos para a produção de objetos que suprissem suas necessidades. Tais técnicas antigas são as mesmas que estudamos hoje pensando terem existido unicamente no período Medieval ou Antigo. Mas que estão aqui, foram reproduzidas ao nosso lado e ainda presentes na memória desses indivíduos, porém, silenciadas pelo pouco interesse que os pobres e excluídos recebem.

A água captada nos sistema de cacimbas era geralmente retirada através de balde, com o passar do tempo é que bombas d’águas manuais foram sendo utilizadas. Os reservatórios de água também seguiam os mesmo padrões, geralmente talhas de barro ou já de cimento que mantinham melhor a qualidade da água no interior das residências. E quanto aos banheiros não passavam de pequenas “*casinhas*”, ou “patentes” como comumente denominadas, longe da casa com latrinas na maioria dos casos escavadas diretamente no chão, sempre com o cuidado de ser longe da cacimba e em lugar bem mais baixo. Sabe-se também que infelizmente alguns nem mesmo desse privilégio desfrutavam, utilizando o sistema de urinol ou a mata para satisfazer suas necessidades fisiológicas.

O banho era efetuado em grandes bacias quando dentro de casa, ou nos arroios e açudes nos verões, alguns com quem conversamos tiveram os denominados “chuveiros” manuais, que após serem cheios eram içados ao ar para poderem se banhar. Algo que parece tão distante ao se ouvir, mas que foram vivenciados por uma significativa parcela de habitantes rurais como eu, que ainda vivem hoje, não mais nessa situação, agora já desfrutando do conforto comum a grande maioria. Mas a dificuldade de acesso e a demora da chegada da eletrificação rural fez permanecer por muito tempo ainda essa situação no campo.

A luz é um capítulo interessante dessa vivencia, pois o lampião a querosene por muito tempo foi a praticamente a única forma de iluminação na área rural, com exceção, muito raramente de velas. Os lampiões que por muitos anos iluminaram a humanidade urbana ou não, teve no campo o último reduto da saga dessa longeva invenção.

E em nosso interior até pouco tempo atrás fazia-se uso diário desse objeto, que iluminava das refeições aos serões noturnos. E sob a luz dessa candeia ao lado do fogão de lenha é que corria o chimarrão de fim do dia. Alguns lampiões refletiam a inventividade do nosso campônio, que sem dinheiro para adquirir mais de um ou dois dos comercializados, os

produzia artesanalmente. E mais uma vez foi o depoimento de Dilma Lucy C. Acosta que nos contou alegremente como era essa façanha:

A luz, a gente foi criado nuns lampiãozinho a man... A mãe tinha um lampiãozinho de mangueira - que chamavam – e esse lampiãozinho é que quando se alevantava de madrugada ela levava pra leitaria! Esse era um que ela tinha. E nós de dentro de casa, nós não tinha vela! A minha mãe pegava um pedacinho de pano, torcia, passava graxa de ovelha, e fazia uma mecha! Isso chamava-se a mecha! Largava pra dentro de um vidro de “Fimatosan”, (marca de xarope para a tosse) e acendia. Há!! E no bocal o quê que fazia, era um carretel de linha - porque antigamente era carretel de madeira - e ela pegava uma... Uma bomba velha, uma bomba de mate, de chimarrão, cortava pra enfiar a mecha pra não pegar fogo na madeira do carretel! E ali com aquilo... E enchia o vidro de querosene - o vidrinho di “Fimatosan” - Porque ela serrava o carretel, e aquele carretel tinha que caber no... Na boca do... Do vidro! Dava direitinho, vidro de Fimatosan... **(Dilma Lucy C. Acosta, 60 anos, Belendengue)**

E ela ainda brinca com o resultado do uso desses pequenos lampiões a que denominavam “murrão” devido a picumã que produzia, prosseguindo: *“E ali a gente se alumiava, no outro dia a gente se levantava com o nariz entupido!!! Era, o peito cheio de picumã!* (fuligem derivada da fumaça), rindo muito por ficarem com as narinas pretas dessa fuligem. Esse tipo de lampião era muito comum e quase todos falaram neles, como também é fala recorrente de outros modelos bastante comuns como o lampião *“Aladin”* e posteriormente a introdução dos lampiões “Liquinho”, já a gás e quase na década de oitenta, que foi o último modelo usado antes da eletrificação. Alguns entrevistados também aludem ao lampião de marca *“Coleman”*, lampião importado cuja singularidade era que funcionava a pressão, dando uma claridade maior, e que por seu preço foi sonho de consumo de alguns como Eledy Mendonça:

Eu fui criado, com lampião a querosene, a gente fazia em casa com uma latinha, com uma mecha, lampião de querosene! (Murrão?) Murrão! Murrão!(risos) Depois, veio o “Aladin”, veio o “Coleman”, aquele com uma camisa. O “Coleman”, **eu tive um “Coleman”**, sob pressão, dava bastante pressão, já foi aquilo alí um melhoramento **muito grande!** Eu trabalhei sessenta dias numa granja para comprar um lampião daqueles! Mas fiquei feliz da vida, quando cheguei, que trouxe pro meu meio um lampião daqueles ali! Ninguém tinha só eu que tinha; me achava!! **(Eledy Diniz Mendonça, 76 anos, Palma)**

O campo tem suas especificidades e cada local a sua cultura seja a social ou a agrícola, porém, todos passaram pelos processos de transformação que novos produtos, usos e costumes, vão trazendo ao correr do tempo. As inovações vão sendo incorporadas a vida cotidiana conforme vai se democratizando esses bens, e o trabalhador rural de nosso

município, como os de nossa amostragem, foram se moldando ao advento de novas perspectivas que surgiam. Buscando sempre a integração de novos artifícios que facilitassem o seu viver.

No decorrer do tempo novos objetos de desejo foram surgindo, e começaram a ser incorporada a vida cotidiana que ganhava um novo colorido, um estímulo sensorial mais desperto. Os rádios rudimentares que funcionavam a pilha, ou melhormente a bateria, que pouquíssimos tinham segundo Eledy Mendonça, que até então servia de instrumento de lazer nas tardes dançantes de domingo em família, ou mesmo para através de suas ondas trazerem informação ao campo, começavam a ficarem obsoletos.

Logo foram surgindo o fogão que já era a gás na cozinha, a geladeira também a querosene ou a gás, os lampiões já mais luminosos e a tão sonhada televisão, a bateria é lógico! E para poder manter-se informado e a bateria carregada, muitos usavam os chamados “aerodínamos”, que nada mais era do que um cata-vento de uma hélice só, normalmente, que com a velocidade do vento acionava um pequeno motor para a produção da energia que carregava a bateria. Porém, do vento dependiam para poderem desfrutar dessa “modernidade”! Mas era por ali que começaram a realmente se comunicar com o mundo, comunicação que agora celeremente ia chegando a esse homem do campo.

E conforme foram sendo questionada no tocante a atividade de seus pais, a agricultura familiar foi a primeira resposta, sempre acompanhada pela produção de subsistência e a criação de algumas reses e ovinos, que complementava a renda da família. A plantação de cebola era a produção principal dos moradores entrevistados, assim como da vizinhança de seu entorno, confirmando as informações de Vieira (1983) que dizia ser a cebola a segunda maior produção do setor primário do município. Produção que hoje, está praticamente inexpressiva.

Essas plantações eram totalmente manuais, desde a preparação da terra com arado de tração animal, a plantação, adubação – que por um longo período era feita com estrume aqui até o advento do adubo químico – a o combate das ervas daninhas antes de surgirem os herbicidas. Tudo era manual, trabalhando várias horas por dia, numa safra que começava no mês de maio chegando a dezembro e janeiro quando era efetuada a colheita, utilizavam então carros de boi ou carroças para o transporte da produção da lavoura aos galpões. A partir de meados de setenta a oitenta começaram a ser adquirido por alguns desses agricultores pequenos tratores, já facilitando o serviço da lavoura, diminuindo o trabalho de tração animal até seu completo desaparecimento.



**Figura 5:** Pequeno trator usado no campo e carro de mão artesanal. **Fonte:** Foto do acervo particular da autora.

Durante muito tempo a cultura da ervilha também teve certo destaque de produção, sendo essa leguminosa plantada no local da cebola após esta ter sido colhida. Conforme os colaboradores dessa pesquisa, por algum tempo houve uma fábrica localizada na Vila da Quinta que absorvia toda a produção local de ervilhas, após fechamento dessa fábrica ela era entregue na cidade a vendedores na feira livre, coisa que muito lembro de meu pai e tios fazerem.

Os produtos alimentícios de consumo eram em grande parte, produzidos na propriedade, complementados por criações de páteo e de porcos para produção de banha e carne para a linguiça. A isso se completava alguns animais de abate e leite para consumo; e alguma produção de queijos que complementava a renda. A caça efetuada geralmente no inverno revertia para a alimentação. No quesito caça, foram bastante interessantes as respostas recebidas quando questionada, alguns se sentiram intimidado ao responder sobre ela, pois à muito a mesma é proibida em nossa localidade. E assim, não se acharam confortáveis em admitir tal ato, mesmo não a fazendo predatoriamente e sim para subsistência num período anterior a proibição. Outros sentem a falta desses animais como os “marrecões” que não mais aparecem no lugar, e exaltam o sabor de sua carne que tantas vezes saciou a fome da família. Mas ao mesmo tempo, elogiam a ação do IBAMA, pois sabem que realmente havia a caça predatória, e que essa muito prejuízo causou a fauna local. Alguns admitem que também tiveram pássaros como o “cardeal” em gaiola, mas após se conscientizarem do ato os soltaram, e hoje os apreciam bem mais pela quantidade e qualidade de seu canto em volta de sua residência.

Outro ponto de questionamento foi no tocante a densidade demográfica do lugar. Todos foram unânimes quanto as várias famílias que havia nesse entorno. Porém, com o passar do tempo a mecanização das lavouras foi diminuindo o serviço complementar. A dificuldade da subsistência na agricultura e o desejo de uma vida melhor, foi levando grande parte desse povo a tentar a vida da cidade. Os patriarcas dessas famílias foram morrendo e poucos dos filhos dessa terra perseveraram na lida rural. Outros, segundo Olmy Mendonça, buscaram um melhor conforto na sua velhice, pois até alguns anos atrás, a dificuldade de transporte, as estradas muito ruins e a falta da luz elétrica, tornava dificultoso viver no campo, algo muito diferente dos dias atuais.

Portanto, dos muitos habitantes que havia em alguns desses lugares, atualmente estão totalmente desertos, como no caso de determinados espaços no Belendengue, lugar de origem de Eledy Mendonça onde foi criado com seus irmãos e muitos vizinhos, do qual nos comentou com saudade, *“Aonde era as casa de meus pais, onde nasci e me criei... Hoje eu sinto saudade... Só tá tudo em eucalipto! A casa de meu avô, dos meus tios, tu não encontra o local, por que tudo é eucalipto!!”*. Nesse local de que fala, só encontramos a casa de Remy Acosta que se negou a vender o campo a empresa de silvicultura quando procurado por essa, na época a *Votorantim*, grupo que adquiriu uma grande área na região.

Já numa outra visão, mas não menos nostálgica, João Álvaro de Freitas nos falou sobre a vizinhança e suas produções;

**Há não tem mais, muitos pouquinhos!** Sobraram muito poucos! E nenhum tá na mesma atividade, né? **Tudo terminou-se!** Se foi embora, se esparramou tudo, **ficou só uns pouquinhos** ali, e nada mais “veve” da mesma agricultura! Tudo, tudo terminou-se! A agricultura familiar hoje? **Acabo-se!!** Aqui na zona acabou completamente! **Nada!** Ervilha, cebola... Nem milho, já quase ninguém planta mais, nem para subsistência não plantam. Nem pra uso pessoal da casa assim, não plantam mais. **(João Álvaro de Freitas, 67 anos, Belendengue)**

Além do êxodo rural, esse trabalhador teve de buscar novas formas de subsistência. A cultura da cebola começou a não mais conseguir suprir as necessidades que iam se transformando. Observamos que a crise na cebolicultura se fez pela falta de incentivo, a dificuldade na produção e comercialização da cebola, a perda total de safras, seja por intempérie, excedência do produto, ou por embuste de atravessador de má fé que não pagava o produtor. O que pode se conferir na fala de Dilma Lucy C. Acosta:

A gente também parou com a agricultura, porque nos últimos anos que a gente plantou, ficou inviável! O adubo muito caro, os defensivos, muito caro! E a gente trabalhava com financiamento em Banco. Ih... No último ano

que a gente trabalhou, que eu não me lembra bem, mas, é isto faz... Hã... Com certeza trinta anos! É... A gente tirou uma... Uma quantia no Banco. Ih... Doze meses depois foi pagar, a gente pagou o dobro!! Foi cem por cento. E não tinha mais como trabalhar em Banco. Aí fomos trabalhar com os nossos próprios recursos, que não eram muito! A gente diminuiu às plantação. Ih... Quando a gente colhia, bem, não tinha pra quem vender. Quando colhia mal, tinha pra quem vender, mas ninguém queria também porque a cebola era ruim! E no último, o último ano que a gente plantou. A gente vendeu... E o comprador... Simplesmente... Pegou a nossa carga, para pagar daí a trinta dias e sumiu! **(Dilma Lucy C. Acosta, 60 anos, Belendengue)**

Assim vimos que foi todo um encadeamento de circunstâncias o que acabou levando esses agricultores a buscarem novas alternativas de sobrevivência, ou simplesmente migrar. Mas ao mesmo tempo podemos observar que a noção de temporalidade fica circunscrita a individualidade de cada um. A velocidade dessas mudanças tem sua singularidade em cada memória. As transformações tecnológicas e químicas no campo foram ocorrendo de forma bastante rápidas se tratando de tempo histórico, porém, na visão diferenciada do tempo rural chegou assim segundo João Álvaro de Freitas, hoje aposentado, quando questionado sobre o assunto:

... Há, isso veio vindo aos pouquinhos né? Por que nada vem de golpe. Isto vem vindo, cada ano vem uma coisa deferente. Veio um tratozinho pequeno, a gente foi comprando. Depois vão vindo as estrada... Abriam estradas, depois foram botando asfalto... E assim vai vindo aos pouquinhos. Isso vem vindo. Os venenos mesmos, começaram com o “pinga-pinga”, depois começaram esses outros venenos, e hoje tão botando com avião!**(João Álvaro de Freitas, 67 anos, Belendengue)**

Mas nem todos sentiram desse modo as transformações por que passaram, na realidade alguns sequer pararam para nisso pensar, procuraram alternativas buscando compreender a lógica desse novo mercado de produção. Os que ainda estão na ativa hoje procuram se informar, tentam uma maior qualificação do seu produto para agregar valor melhorando a sua colocação comercial. A maioria desses agricultores está atualmente no ramo da leiteira, algo que melhor se adaptou aos espaços com que contam. Esse trabalhador atual também questiona sobre os venenos, busca formas de neutralizá-lo, mas ainda é impotente diante do mundo globalizado e esquivo quanto aos seus propósitos. Discutiremos agora a visão dos pesquisados no tocante a introdução dos produtos químicos nesse espaço, e a ampliação da monocultura do arroz, por quem se sentem de algum modo direta ou indiretamente atingido.

### 2.3 O fantasma que chegou nas águas dos arrozais

Pude também observar o quanto minhas lembranças, como a dos arrozais, se coadunam com as dos que ainda residem no mesmo local, porém bem menos crítica e inquieta. Quanto a introdução dessa cultura, as recordações são similares; as plantações efetuadas com tração animal, da preparação do solo ao corte do grão, utilizando grande quantia de mão-de-obra no trabalho então manual, o que acabava por produzir as vilas sazonais de que me recordo. Ranchos feitos de torrão e tábuas com cobertura de palha, totalmente rudimentares. O arroz era cortado manualmente a foice, e grande leva de trabalhadores a moda boia-fria, eram trazidos em caminhão de Canguçu e Piratini, segundo alguns dos entrevistados.

Nessa época não havia as colheitadeiras mecânicas, e o arroz era separado da rama em uma máquina estacionária, a que chamavam “trilhadeira”, criando as imensas montanhas de palha de que me lembro, sendo utilizado também, grande quantidade de carroças de tração animal para trazer o arroz até onde a citada máquina ficava estacionada. Uma forma de trabalho totalmente ignorada por muitos, principalmente para aqueles nascidos pós 1980 que sempre conviveram com a tecnologia na produção, e talvez vejam essas memórias como “lenda”, conforme relatou um dos entrevistados, cujo filho não acredita nas formas de trabalho executado no campo.



**Figura 6:** “Trilhadeira” em ação. **Fonte** foto: <http://tratoresantigos.blogspot.com.br/2013/02/fotos-antigas-colheita-de-arroz-em.html> - acessado em 16/11/2014



**Figura 7:** Carroça. **Fonte:** foto: <http://tratoresantigos.blogspot.com.br/2013/02/fotos-antigas-colheita-de-arroz-em.html> acessado em 16/11/2014

Um dos colaboradores deste trabalho, o senhor Olmy Delfino Mendonça, teve o seu pai como pioneiro na plantação de arroz na localidade na década de sessenta, quando tudo era manual inclusive a plantação, quando diz ser utilizado um aparelho manual denominado “*ciclone*” ainda existente na sua propriedade. Ele e seus irmãos trabalharam com essa cultura em sociedade familiar até a década de oitenta, quando os grandes produtores acabaram sufocando os pequenos como eles, que tiveram grande prejuízo ante os valores gastos na produção frente a renda gerada com a venda do produto. E sua fala é muito interessante para desvendar-se como era inicialmente em nosso interior a produção desse cereal tão importante em nossa mesa, mas que também é vista por alguns desses habitantes locais como a porta de entrada da química que indubitavelmente chegaria a produção rural.

A lavoura de arroz na atualidade não necessita de mãos humanas em abundância para sua produção. As máquinas desenvolvidas tomaram o lugar do homem, e hoje onde havia cem trabalhadores, somente três são suficientes para o trabalho, conforme os entrevistados. Em pouquíssimo tempo transformou-se totalmente o manejo da cultura desse cereal, e essa monocultura acabou tomando o espaço de muita agricultura familiar, causando êxodo de agricultores que complementavam sua renda como trabalhadores sazonais nessas lavouras e daqueles que vinham igualmente de longe, que então se voltaram para cidade aumentando o cinturão de pobreza no seu entorno.

As recordações desses habitantes rurais são mais vivas que as minha, com um colorido mais vibrante e alguns resquícios de saudosismo, mas que refletem diferente de mim, o desassossego com os herbicidas aqui surgidos na época da “revolução verde”. Primeiramente no arroz para logo após ir se espalhando as outras culturas, principalmente a de cebola produzida aqui comercialmente, avançando também às demais áreas do trabalho rural.

O fantasma desse medo está ainda hoje os assombrando e atingindo bem mais agora com os aviões agrícolas cortando os ares com sua dispersão área amplamente praticada. Dessa problemática advém também a preocupação com o pomar de frutas, que quase toda casa tem, e que hoje, segundo alguns, bem menos produtivos devido a queima cujas árvores estão sofrendo com essa dispersão química. Tornando esse um dos tópicos destacados entre a temática das transformações e que ainda lhes é muito presente, em todas as entrevistas esse assunto demonstrou um destaque singular. Tanto na agricultura como no tratamento com a criação, um assunto bastante polêmico e atual e que demonstra a preocupação desse trabalhador com o meio ambiente e a saúde do todo, tema esse que apresentaremos a seguir.

Nota-se também presente em todos os entrevistados a consciência dos malefícios advindos dos agrotóxicos massivamente utilizados nos últimos tempos, tanto por eles próprios como nas lavouras extensivas.

A preocupação pelas aplicações descuidadas no passado pela falta de informação do real perigo que corriam é constante. É praticamente unânime a acusação aos herbicidas como causa dos inúmeros problemas de saúde, inclusive o desenvolvimento de câncer em trabalhadores rurais, como no caso de um dos entrevistados que teve dois irmãos, sendo homens trabalhadores da lavoura e ainda novos, e um cunhado bastante jovem, mortos por esse mal. Portanto sentem literalmente na pele o reflexo desse “progresso” na agricultura.

Notamos assim que o grito de alerta de Rachel Carson nos EUA chegou bastante tarde no Brasil, especialmente nessa região, quando ouvimos elmos as palavras de Eledy Mendonça:

Por que na época em que me criei, a gente com muita dificuldade não podia plantar muito, por que se plantasse muito não colhia, por que a sujeira tomava conta. Depois veio o “Afalón” (nome comercial do herbicida) né? Eu não conhecia; isso no ano; vou te dizer assim... De... De setenta, por aí! Já era casado, já tinha meus filhos já grandes, e a terra muito braba, terra argilosa, né? E veio o tal de “Afalón”, e eu, eu tinha medo de botar, pensava que ia matar a planta. E comecei a usar o “Afalón”, que a gente não imaginava e não sabia o “**perigo**” (enfático) que “tava” lidando com aquilo ali!! Com aquelas máquinas costal, a gente sem camisa de calção no forte do verão, botando “Afalón”!! A gente não tinha instrução, não sabia o que podia contaminar, tá? A gente usava aquilo ali (...) A gente se realizou! Por que terminou aquele negócio de tá capinando cebola a mão! A gente botava “Afalón” e colhia a cebola limpinha! Mas “tava” se contaminado com aquele veneno e não sabia! Não sabia né? Então, bom, dali já começou a mudar! Depois do já do Afalón, começou a vir vários, e vários, herbicidas, e a gente já não sabia trabalhar sem herbicida!

No referente aos herbicidas utilizados no arroz:

É, o pinga-pinga, o Ordram (nome correto), não, Oldram, chamavam. Ele vinha num latão de vinte litros, por sinal tinha um cheiro **terrível! Fortíssimo**, fortíssimo pra xuxu, né? Era um veneno muito brabíssimo! Dizem que foi proibido lá nos Estados unidos, e eles mandaram pra cá e aqui estavam usando muito porque terminava com o “inso” (nome dado a um tipo de erva daninha parecido com o Joio). Eu usei, eu apliquei! Esse era... Se botava com o galão de boca pra baixo (...)Na entrada d’água de cada quadra, no geral, aquele latão ficava. Aquele veneno era mais pesado que a água, com a correnteza d’água ele ia se indo, se espalhando na lavoura. Há, matava mesmo! Há. Matava mesmo! Bem aplicado matava mesmo! Então era muito bom! Mas depois veio mudando, e foram usando esses herbicidas já com o trator, com o avião... Agora, esses avião, tão poluindo um absurdo! As frutas já não se colhem mais, tá? Os eucaliptos estão morrendo! Os eucaliptos esses nativos! Os nativos nossos, tão morrendo os daqui, pode olhar ali os meus... (...)desde a beira da BR 471, quem vai para o Taim, os eucaliptos... Vai olhar os eucaliptos de beira da estrada ali como é que tá? Vê se tem, se já não morreu tudo! Tudo por causa de quê? Dessas herbicidas! Agora eu pergunto o seguinte, eu pergunto o seguinte, O pulmão da árvore é a folha, ela sente mais rápido, ela morre! E o nosso ar que nós respiremos? Aos poucos nós vamos morrendo! Nós temos aqui o canal da CORSAN, (Que é a nossa água!) Que é a nossa água, de vocês lá de Rio Grande! Então eu digo a nossa água que tá indo para rio Grande, Passa no meio das granjas! Vem cá, será que existe; eu falei isso aí na EMATER, e eles me disseram assim, “não essa água é tratada, essa água é tratada”; será que vai ter tratamento que tire esses venenos, brabíssimos, *dessa água?* **(Eledy Diniz Mendonça, 76 anos, Palma)**

Ao refletir sobre esse depoimento, nos reportamos à obra *Primavera Silenciosa* de Rachel Carson, de seu alerta e de sua luta contra o mau uso de defensivos químicos agrícolas e os malefícios de seus efeitos cumulativos no organismo vivos, dos humanos em especial. Esse humilde campônio do interior do Rio Grande também expressa uma acusação como num grito de alerta e de dor, a sua preocupação com o futuro como podemos observar:

Hoje, a gente só fala assim... Só se fala em câncer! Da onde é que sai isso aí? Se o ar que nós respiremos está envenenado, a carne que nós comemos está envenenada, o leite tá envenenado por que hoje não se pode ter uma vaca sem estar a base de vacina! Essa vacina combate a doença, isso não vai para o leite?(...) Agora, tá muito ruim, é o sistema de saúde, derivado, da própria... O próprio homem tá destruindo com o ar, com a... É; com a poluição! Então, tu “tás” vendo a quantidade de doença que está existindo aí, a quantidade de doenças que tá havendo. Hoje quase todo mundo morre de câncer!!Hoje, Nádia, hoje se tu vê; morreu, morreu fulano por causa de quê? Ou de acidente ou de câncer! O que morreu é câncer, dificilmente aquele que tem a felicidade de morrer de um infarto; (...) O que será do futuro daqui a vinte anos? Já vou botar vinte anos, o que será o nosso mundo? Hem? (Quem viver...) Quem viver verá!!**(Eledy Mendonça, 76 anos, Palma)**

E é fácil confirmar com qualquer morador de nossa área rural, onde há lavouras de arroz o quanto ainda persiste essa problemática da dispersão aérea, que não demonstra ter um

efetivo controle de só atingir a lavoura cultivada. O vento, uma constante em nosso município espalha o produto muito além dos arrozais.

A água hoje no campo pode até ser proveniente de poços artesianos, portanto totalmente subterrâneos, entretanto os reservatórios das casas são aéreos. Da horta ao pomar, das roupas no varal aos utensílios de usos externos, não há como os efetivamente proteger quem se encontra perto de tais lavouras. A doença é um fantasma que vive a assombrar os dias desse produtor rural, que em seu discurso demonstra sentir a “espada de Dâmocles” sobre a cabeça de cada um dos seus contemporâneos. Da criação à plantação, ele observa o quanto vem sendo alterado através de novas tecnologias da qual se vê prisioneiro de continuar a utilizando, mas, ao mesmo tempo a teme por desconhecer os efeitos por elas gerados e de sua segurança ante a saúde humana.

E o mesmo medo se reflete também na fala de seu filho, Clóvis E. D. Mendonça, tanto no tocante as doenças adquiridas que creem ser derivadas tanto dos agrotóxicos utilizados, como da atual dispersão aérea:

Quanta gente tem envenenada com isso aí, né? E sabe lá! Eu mesmo tô todo errado aí, sabe lá se não é esse problema, desses agrotóxicos! Porque agente não se cuidava naquela época não tinha, a gente não tinha... Não tinha instrução nenhuma, é verdade!(...) Tu hoje não podes fazer uma plantação mais de pêssego, de laranja, de coisas... Por enquanto tiver granja na volta aqui a gente não consegue ter! Por enquanto eles não acabar com o avião botando agrotóxico no... E tá acabando com o nosso ar! Acabando, poluindo tudo! E eu não sei como que as autoridades não viram isso aí!! Como é que eles não se deram por conta que isso aí ta acabando... A gente respirando esse ar! Nossos filhos respirando hoje, o ar que esses avião passam botando isso aí!! Tchê, é uma, uma... Isso é triste! (**Clóvis Eledy Diniz Mendonça, 51 anos, Sarandi**)

Eis sintetizado o desabafo desse atual homem do campo, que reflete sua indignação e sua impotência frente a problemática discutida. Não se encontra alheio a essa discussão, porém, sente-se impotente de uma atitude mais efetiva e invisível ante as autoridades a quem compete o controle e o zelo pela saúde do povo e do meio ambiente em geral.

Assim os herbicidas químicos mais potentes foram surgindo na região, primeiramente nas plantações de arroz para logo chegar as demais culturas, iniciando-se este ciclo a partir da década de setenta segundo os entrevistados. Como se observa na fala de Eledy Mendonça, os “venenos” foram amplamente utilizados principalmente nas plantações de cebola.

Todos afirmam que a informação acerca da periculosidade era quase inexistente, até mesmo por não terem como compreender o que estava escrito no rótulo quando havia uma

efetiva informação e o resultado foi deslumbrante para quem sempre lutou manualmente contra o controle das ervas daninhas. Como foi falado, realmente a “maravilha da ciência” que chegava facilitando o serviço até então extenuante e mantendo as plantações limpas.

Era a “Revolução Verde” que chegava contaminando o meio ambiente, ludibriando o pequeno agricultor que não imaginava que algo que lhe facilitava o trabalho estava lhe minando a vida. Com o passar do tempo muitos iriam ser “engolidos” pelo mercado da produção extensiva, se obrigando a abandonar seu espaço e o seu meio de produção.

Sobre o incentivo do uso e as instruções dos herbicidas é interessante a fala de João Álvaro de Freitas que desde criança trabalhou com plantação de cebola. Quando inquirido sobre os tipos de informações recebidas desses produtos nos diz:

Há, muito pouca!! Muito... Quase **nada!**[enfático] Raramente aparecia alguém para dar algumas instrução pequena. Aquilo é que foi a pior coisa que de certo que aconteceu! Aquilo a gente botava a moda “loco” aquilo. Não se **sabia nada!**[extremamente enfático]As “instrução” veio bem depois. Primeiro veios os veneno... (...) Bastante usei aquilo. A base te dizer “dereito” eu nem sei! Era a base também com cobre, não sei, tinha outros também, outros minerais que a gente não sabe o que é!(...) Até tinha bula, mas a gente não entendia nada, como é que ia saber! (risos) Lê uma coisa que tu não sabe, fica as cegané?É ler inglês, a gente via aquilo ali, mas não sabia o que era.(...) Até a prefeitura dava, até no princípio. (na introdução desses produtos) Bastante eu e o Wilson (irmão) trouxemos lá da prefeitura. **(João Álvaro de Freitas, 67 anos Belendengue)**

Observamos em suas expressões que o entrevistado se sentiu ludibriado e espoliado em seu direito a informação do perigo. Hoje, com todo o esclarecimento que chegou a eles, ao homem do campo, com o distanciamento dessas aplicações e as doenças que se manifestaram em alguns; o medo e a consciência de sua ignorância ante o perigo é comum a todos. Através das conversações, percebe-se que estes se sentem burlados por esse “progresso” letal que trouxe menos trabalho, porém, muito mais perigo.

Alguns desses herbicidas descuidadamente usados nas plantações de cebola nessa localidade, o de nome comercial “Folidol” por eles referenciados, é um herbicida organofosforado cujo princípio ativo é o mesmo do “Paration”, inseticida originário do fósforo orgânico nos EUA, do qual alerta Rachel Carson em sua obra.

Sendo esses do mesmo gênero do Gás Sarin, conhecida arma química classificada como “*arma de destruição em massa*” pelas *Nações Unidas* (pois o mesmo age rapidamente sobre o sistema nervoso, sendo esta arma química utilizada em guerras e atentados terroristas como o do metrô de Tóquio em 1995). Essa autora já alertava acerca do perigo do uso indiscriminado de poluentes residuais dizendo que: “*A exposição dos seres humanos a*

*produtos químicos cancerígenos (incluindo os pesticidas) é incontrolada e múltipla. Um indivíduo pode sofrer muitas exposições diferentes ao mesmo produto químico.” (CARSON, 2010, p .202).*

Portanto, não são infundados os receios dos entrevistados de verem algumas doenças como reflexo de uma introdução descuidada de venenos com alta toxicidade – ou mesmo os “considerados” seguros – e da sua apreensão do que agora é disperso pelo ar, e cuja composição desconhecem. Estão convencidos do perigo a que continuam expostos, mas ainda se encontram sem força e sem voz para que seus alertas sejam efetivamente ouvidos. Quem tem mais ainda continua dando às cartas nesse jogo em que a vida e a saúde de suas famílias são os valores em questão.

Quando igualmente questioneei sobre as informações recebidas para a utilização dos produtos químicos ao senhor Olmy Delfino Mendonça, a resposta foi também negativa.

Não! Veio primeiro... É, veio primeiro, hã... hã, o veneno pra aplicar. Ih não vinha, não vinha os técnicos pra dar a utiliza... Pra dar a forma de trabalhar! Então a gente... O produtor aqui como pouco conhecimento que tinha, trabalhava a “grosso modo”. E era prejudicial! Como eu conheci gente que... Como o Adriano mesmo, que foi um; que se foi por... Problema da química! Né? O irmão do Wilson! (rapazes oriundos da localidade, cuja idade hoje gira em torno de cinquenta e poucos anos). Trabalhou nas lavouras, e se foi... Adoeceu, foi pro hospital e morreu por a... Envenenado! “Bandeirando” avião (marcação feita no solo através de uma bandeira para demarcar o local a ser atingido pelo produto), passava o avião, jogava veneno, pegava nele, e aí se foi! Ih... Que nem ele foram outros, que a gente... Não sei lembrar agora o nome no momento. Aí eu tenho impressão, por que aí que se confirma que a química que nos prejudicou a saúde!(**Olmy Delfino Mendonça, 64 anos, Siola**)

O colaborador vai mais longe em suas elucubrações, ampliando o campo das hipóteses chegando aos produtos usados nos animais em contraponto com o recente passado dizendo:

Por que tu quer ver uma coisa, Nádia, Uma aplicação de vermífugo num animal, um ml(mililitro) num animal, tem á... Os carrapatos nos animais, mesmo, eles “estoram” na hora! Ele tá cheio, ele não se solta, ele “estora”! Bota veneno nisso aí!!! Tu achas que não vai ficar... Resíduos, pra quando a gente... Usar a carne não vai... Eu tenho a impressão! Que aí... Aí, aí é prejudicial! (...) Tu quer ver uma coisa: nós antigamente... Nós temos ali, inclusive, ainda banheiro de gado, que a gente banhava por causa do carrapato. Não banha mais! A uma série de anos! Só na injeção! Só na vacina! Só (...) naquele vermífugo ali, é, é... Vermífugo, é pra tudo, é pro carrapato, pro piolho, pra tudo! Então o banheiro tá desativado ali, á vinte anos! (**Olmy Delfino Mendonça, 64 anos, Siola**)

Dilma Lucy C. Acosta ao falar sobre o veneno do arroz, também demonstra um certo descontentamento com efeito que trazia, e reflete uma indefinida impotência em sua fala, pois

conforme ela, com o arroz “Começou a entrar o tal “pinga-pinga”; que **de longe** a gente sentia o cheiro forte!”. E sua queixa não é só contra o forte odor, mas dos efeitos que causava ao campo ao comentar que “...onde passava o pinga-pinga, matava tudo, que não criava nem pasto mais!”, que por um bom tempo o campo ali ficava inutilizado, a não ser para a plantação de arroz. Ainda em suas reminiscências dessa ação antrópica:

Depois começou a vir os... As pulverizações com o trator, mas isso foi pouca coisa... Foi pouco tempo, acho que um ano ou dois, depois já veio os aviões!(...) E aí vieram os aviões, começaram a fazer as pulverizações... Pulverizá, e acabavam! Eu me lembra que acabavam com as plantações, não só do meu pai, como da vizinhança!! E a gente infelizmente, não tinha pra quem se queixar! (**Dilma Lucy Costa Acosta, 60 anos, Belendengue**)

É visível o efeito marcante que a introdução dos produtos químicos causou nesses moradores, que hoje melhores esclarecidos convivem mais pacificamente com eles. Reconhecem a facilidade que trouxeram ao trabalho no campo, mas ao mesmo tempo sentem-se lesados em seu direito de escolha quanto a forma de precaução no manejo do produto, ou talvez se ressintam ao reconhecer os malefícios advindos de sua ignorância.

Sentiram-se cobaias de um experimento letal, onde quem deveria esclarecer reteve esse informe em benefício do mercado, cujo fundamento era tornar o homem do campo dependente de sua tecnologia. Tecnologia que aliada a outros artifícios, realmente traria uma explosão produtiva ante os métodos rudimentares até então utilizados no manejo das culturas.

Outro informe recebido nas conversas informais é que só conseguiam alguns incentivos de produção se adquirissem esses insumos, pois no caso de empréstimos bancários determinadas cotas eram obrigadas a serem utilizadas na compra desses agrotóxicos. Algo que igualmente me recorde num período em que meu pai trabalhou com empréstimo agrícola no Banco do Brasil.

Pode-se notar que não foi apenas nos Estados Unidos ou Europa que a química, a mecanização e o agronegócio “atropelou” o pequeno produtor. O nosso interior, mais tardiamente talvez, foi igualmente atingido pelo desenvolvimento dessa forma de produção. Nosso campônio também acabou por perder a sua ingenuidade de um jeito bastante duro, sentindo em si ou nos seus iguais o reflexo desse capitalismo agrário. Este cenário ainda continua a produzir profundas marcas no meio ambiente, na saúde do homem do campo e certamente ao homem urbano também, através do consumo de produtos contaminados e da água que provém de mananciais interioranos.

A esses produtos alguns dos entrevistados também põe a culpa da extinção das “avestruzes”, que até a década de sessenta eram abundantes em alguns desses espaços, e que

desapareceu completamente nesse período. Há relato de famílias inteiras dessas aves encontradas mortas, e que creem terem morrido após beberem água dos arrozais. A sua caça também é encontrada em alguns relatos, mas essa segundo eles, não seria a causa real de tal extinção. Nota-se que esses pequenos agricultores convivem em harmonia com o ambiente, vendo nele a extensão de sua casa, diferentemente do grande produtor, onde o que não gera renda comumente é algo a ser eliminado ou simplesmente suprimido para remover o entrave da produção. Na atualidade são outras as mudanças mais visíveis, ou que os impedem de ver além, que é a silvicultura que ocupa o espaço antes limpos e voltada a outros usos e serventias. Este tema é o que veremos a seguir.

## **2.4 De árvore amiga, a solidão da mata**

Desde criança acostumei-me a conviver cercada por eucaliptos, árvores que comumente encontramos ao lado das casas na área rural de nosso município aludo especialmente ao lugar aonde fui criada e onde está focado este ensaio. Por suas múltiplas utilidades ao homem do campo, essa árvore hoje chega a ser vista como “nativa” por algumas destas pessoas, que não conseguem compreender mais o seu espaço sem ela, que apesar de exógena a esse ambiente está fortemente interiorizada a cultura local.

Hilda Prietsch de Freitas, em sua monografia de conclusão de curso na área das ciências econômicas, nos diz que o cultivo do eucalipto no Brasil em maiores escalas aconteceu no seguinte período:

No Brasil, o cultivo do eucalipto em escala econômica deu-se a partir de 1903, para atender a demanda da Companhia Paulista de Estrada de Ferro. Quando foi introduzido no Brasil, o cultivo do eucalipto destinava-se a produção de lenha para locomotivas, dormentes para ferrovias, postes para eletrificação, estacas de cercas e produção de carvão vegetal. (FREITAS, 2006, p.9)

Segundo essa mesma autora após 1945 pelo aumento da demanda no quesito celulose e compensados e por sua versatilidade, rápido crescimento e de fácil adaptação ganhou essa maiores proporções de plantio, e assinala 1965 como sendo o início da silvicultura no país pelo seguinte motivo:

A partir de 1966, o governo federal estabelece um forte programa de incentivos fiscais ao reflorestamento, permitindo uma rápida expansão na atividade e, devido a Lei de Incentivos Fiscais ao Reflorestamento N°. 5.106. de 1966, sua área de plantio no Brasil aumentou de 400 mil para 3 milhões

de hectares. Essa lei permitia ao agricultor aplicar 50% do Imposto de Renda em reflorestamento. (FREITAS, 2006, p.10)

Já no Rio Grande do Sul a plantação em maior escala vem á acontecer na década de vinte, na atual cidade de Cachoeira do Sul na região central do estado, conforme notícia veiculada no jornal *Echo do Sul* datado de 22 de dezembro de 1925, transcrita a seguir:

O major Ernesto *Pertille* residente na cidade de Cachoeira, vai plantar 50.000 pés de eucaliptos em terras de sua propriedade, situadas naquele município. Para esse fim, o senhor *Pertille* está mandando proceder ao tapume das terras necessárias, achando-se os trabalhos nesse sentido muito adiantado. (ECHO DO SUL, 22/12/1925, p.03)

Observamos a relevância desse empreendimento na época, pelo destaque que a notícia mereceu, e em edições posteriores ainda encontra-se notícias dessa realização no citado periódico. Em nossa localidade conforme um dos nossos pesquisados, essa era uma árvore bastante cobiçada por sua utilidade, já que essas áreas eram pobres em mata nativa devido ao solo pouco produtivo que dificultava crescimento arbóreo, o mesmo não acontecendo com o eucalipto por sua fácil adaptabilidade de solo.

O eucalipto mesmo era uma árvore que quase não tinha; **há, era raro**. Quem tinha um mato de eucalipto, eram muito poucos! Muito pouco. Hoje todo o mundo tem eucalipto, todo o mundo tem árvore, lenha todo mundo tem; naquela época não existia lenha (madeira). Há, pra fazer um rancho era uma briga! (risos) Há era!! As árvores... As madeira tudo torta! E árvore nativa tinha? Não. Era pouca, e hoje ainda diminuiu mais ainda, foi se terminando. Eu já conheci pouca árvore nativa, muito pouca. Não tinha muita quantidade? Não, não, muito pouca já era. A dificuldade era muito grande de lenha, dessas coisas assim sempre foi ruim. Era uma vargem e só tinha era macega, né? Aqui era muito baixo? Muito baixo, era uma vargem de macega, depois é que foi que começaram a plantar eucalipto, o “eucalipto” é uma árvore muito boa, né?(**João Álvaro de Freitas, 67 anos Belendengue**)

Conforme podemos notar, devido a escassez de material o eucalipto muito auxiliou na lida diária do campo seja na produção de lenha, de madeiramento para casas, de abrigo, ou em madeira para cercamentos de áreas para plantações ou piquetes para os animais. É o ser humano buscando formas de melhor adaptar-se ao meio em que vive produzindo localmente o que necessita. Notamos aqui o quão certo está Donald Worster ao dizer:

Em todo e qualquer lugar, a natureza oferece aos humanos que ali vivem um conjunto flexível, mas limitado, de possibilidades de se manterem vivos. (...) Por mais estreitas que sejam essas possibilidades, elas são um dom tanto da tecnologia quanto da natureza. A tecnologia é a aplicação de habilidades e conhecimentos á exploração do ambiente (WORSTER, 1991, p.206)

E mais adiante ainda complementa: “*Grande parte da história ambiental se dedica justamente a examinar essas mudanças, voluntárias ou forçadas, nos modos de subsistência e as suas implicações para as pessoas e para a terra.*” (WORSTER, 1991, p.207). E as mudanças aconteceram também aqui no tocante aos eucaliptos, dos pequenos bosques que ocupavam de forma esparsa e simpática, hoje tem outras características, vastos espaços foram tomados por eles e não mais aquele gerado naturalmente da semente com o cuidado do homem. Mas sim híbrido e selecionado conforme o uso a que se destina, não mais se reproduzindo naturalmente.

Ao conversarmos com João Álvaro de Freitas sobre a origem dos Eucaliptos em sua propriedade, ele diz terem sido plantados por seu pai provavelmente na década de trinta, já que foi em 1929 logo após seu casamento, que viera morar nessa casa (casa essa em que João ainda habita). Quando teria então iniciado a plantação de pequenas matas ao redor da casa, não sabendo, porém, de onde teriam se originado as mudas.

A silvicultura extensiva de eucaliptos iniciou-se na região sul do Estado – onde se situa o município de Rio Grande – após o ano dois mil, o que pode ser verificado na dissertação de pós-graduação em Geografia de Frank Gonçalves Pereira que diz:

A partir dos anos 2000, os governos Federal e Estadual criaram políticas públicas para ampliar as plantações de eucalipto no Rio Grande do Sul, mais especificamente na metade sul, onde está o Bioma Pampa, desde então foi ampliado o debate sobre as repercussões destas políticas sobre a paisagem pampeana. (PEREIRA, 2012, p.17)

E mais especificamente em 2004 é feita a apresentação do primeiro viveiro das mudas de tal espécie para a Metade Sul do Estado, conforme reportagem veiculada no Jornal Agora de Rio Grande. Também é quando a Votorantim inicia sua propaganda local nesse mesmo periódico.

# Lançada a pedra fundamental do primeiro viveiro florestal da Metade Sul

FOTO: ITAMAR AGUIAR/PALÁCIO PIRATINI

O governador Germano Rigotto e o presidente da Votorantim Celulose Papel (VCP), José Luciano Penido, lançaram ontem, 19, na fazenda Fragata, em Capão do Leão, a pedra fundamental do primeiro viveiro florestal da empresa no Rio Grande do Sul. O grupo VCP decidiu ampliar os investimentos em 60% passando de R\$ 100 milhões para R\$ 160 milhões, já aplicados, e aumentar em 50% a área prevista de plantio de eucaliptos, expandindo os 40 mil hectares iniciais para 63 mil hectares. "A decisão da VCP demonstra a confiança do grupo no Rio Grande do Sul", disse Rigotto. Para 2005 o grupo investirá mais R\$ 170 milhões no Estado.

Segundo o presidente da VCP, a ampliação dos investimentos foi viabilizada graças à parceria oferecida pelo governo gaúcho, operacionalizada através da Emater. "O ambiente do Rio Grande do Sul, desde o início das negociações, foi primordial para que rapidamente o

grupo expandisse as metas iniciais", afirmou Penido. A intenção da VCP é ampliar dos 14 municípios inicialmente previstos no protocolo de intenções firmado em abril deste ano no Palácio Piratini - para 25 localidades.

## METADE SUL

Na avaliação do governador, a base florestal que está sendo estruturada pelo grupo no Estado contribuirá definitivamente para o desenvolvimento da Metade Sul e todo o Rio Grande por dois motivos: cria as condições elementares para a implantação de uma futura indústria de produção de celulose e para o surgimento de um pólo moveleiro na região. Ele lembrou que outro grupo já está programando investimentos para a região na área florestal, consolidando a perspectiva do pólo e da indústria de celulose. "O importante agora é que a VCP está crescendo e desenvolvendo o Estado. Só

em Capão do Leão, neste primeiro momento, a empresa está gerando 150 empregos diretos", enfatizou o governador.

José Penido garantiu que a ideia e a prática da VCP é a de não modificar a cultura e a tradição econômica da região, mas sim colaborar para o seu desenvolvimento agregando os investimentos em empreendimentos de base florestal.

Participaram também da cerimônia, o diretor Florestal da VCP, José de Arruda Mendes Filho, o presidente do Banco Real, Fábio



■ O grupo VCP decidiu aumentar em 50% a área prevista de plantio de eucaliptos, expandindo os 40 mil hectares iniciais para 63 mil hectares

Barbosa, os secretários da Agricultura e Abastecimento, Odacir Klein, e do Turismo, Luís Augusto

Lara, o presidente da Emater, Caio Rocha, e o prefeito de Capão do Leão, Vilmar Schmiti.

# PLANTAR EUCALIPTO É UM GRANDE NEGÓCIO.

## MELHOR AINDA COM A VOTORANTIM A SEU LADO.

A Votorantim é um dos maiores grupos industriais do Brasil e exporta celulose e papel para o mundo todo. Já a Poupança Florestal é uma iniciativa que vai trazer desenvolvimento, dinheiro e trabalho para você e sua região. Só isso já seria suficiente para que a Poupança Florestal fosse vista como um grande negócio. Mas existem outros fatores que vão convencer você: a VCP também fornece as mudas, apoio técnico e garante a compra da madeira com preço justo e previamente acertado em contrato. Entre em contato conosco e descubra antes. Afinal os grandes negócios não podem esperar.



### POUPANÇA FLORESTAL

COMPROMISSO COM VOCÊ, SUA TERRA E SEU NEGÓCIO

#### SEGURANÇA

Você não precisa colocar sua terra como garantia

#### PREÇO JUSTO

A Votorantim garante a compra da madeira, com preço previamente acertado

#### DINHEIRO DESDE JÁ

Você recebe adiantamentos para financiar o plantio desde o primeiro ano

#### RESPEITO AO MEIO AMBIENTE

Preservação do solo, reforestamento e o mais profundo respeito às leis ambientais

#### RENDA EXTRA

Você garante uma renda complementar para sua família por pelo menos 14 anos

#### APOIO TOTAL

A Votorantim fornece apoio técnico, inclusive mudas de eucalipto e mata nativa

#### TRABALHO E DESENVOLVIMENTO

Mais empregos para as famílias: ninguém precisa deixar a terra

#### CONFIANÇA

Você se torna um fornecedor da Votorantim, um dos maiores Grupos privados do Brasil

 **Votorantim** | Celulose e Papel

Faça o seu cadastro e marque uma visita dos nossos técnicos:

**0800 600 2346** ou [www.poupancaflorestal.com.br](http://www.poupancaflorestal.com.br)

Financiamento  
**BANCO REAL**  
SUA PARCELA

Fonte: Jornal Agora, Rio Grande: 20/21/11/2004

Mas como são visto esses “desertos verdes” por quem os tem tão próximo ou no seu entorno? Essa árvore continua sendo bastante valorada por sua utilidade, mas e a silvicultura extensiva é vista com o mesmo olhar? Ou está de alguma forma impactando esse local, essa

paisagem? Podemos observar algumas impressões entre os nossos colaboradores através de palavras como as de Eledy Mendonça:

Olha... Essa paisagem... Pra mim, e pra todos os que se criaram aqui... Tem uma volta de noventa graus!... Por que, eu daqui onde eu moro, eu enxergava lá..., as tua casa, a casa dos teus avôs... A casa do meu filho... E hoje... Não consigo olhar pra longe, **só vejo um verdão...** Aonde criavam aonde se plantava arroz, muito gado, ovelha, a maior estância que tinha aqui, hoje é só eucalipto... Que dizer: todos os anos saia grande quantidade de arroz... De novilhos... Faz sete anos que tá parado, não tem uma pessoa nessa maior estância que tá aqui, não tem uma pessoa, não tem ninguém!... (e tá do teu lado aqui?) Tá do meu lado aqui assim! (**Eledy Mendonça, 76 anos, Palma**)

Podemos ver que essas plantações não só modificaram com a paisagem, mas mexeram com o sentimento de pertencimento e de produção local, afetando esse habitante em sua cultura de socialização do espaço pela interação entre os seus. Reflete o sentimento de perda de identidade grupal pela distância criada por esses desertos verdes, tomando o lugar daquilo que via como parte do seu meio ambiente, o trabalhador e o trabalho como expressão de vida rural e integração entre si.

E esse sentimento de perda também se reflete na fala de outros com quem conversamos. Claramente se observa isso nas palavras de Dilma Lucy C. Acosta quando questionada sobre a modificação da paisagem:

Modificou. Modificou, é... Tanto que a gente tinha um... Uma grande fazenda, é... A poucos metros de nossa casa, aonde continha uma grande leitaria, uma grande criação é... De boi! Ih... Uma grande plantação de... Lavoura de arroz! E muita gente empregada, que chegava a ter uma vila!! Hoje nesse lugar, só existe... Eucaliptos... Não existe mais a leitaria grande... Não existe mais, **a grande** plantação de arroz! Não existe mais **a grande** criação de boi! E o casarão que se viu. Aquele belo casarão!!! Virando ruína... (muita tristeza) (A sede da fazenda?) A sede da fazenda! Isso pra nós... É triste, e nos dói! (**Dilma Lucy Costa Acosta, 60 anos, Belendengue**)

Segundo Dilma Lucy fazem oito anos que essas transformações iniciaram, o campo da fazenda Vale da Prata, local que referencia em sua fala e que foi adquirido pelo grupo Votorantim, grupo ao qual ela e seu marido negaram a vender as suas terras. Ela nos informa que as plantações de eucalipto no entorno de sua propriedade começaram no ano de dois mil e seis, e que faz, portanto, oito anos do plantio das primeiras mudas, comentando não ter havido ainda nem um corte nessa produção.

O curso do tempo continuou e hoje as matas de eucaliptos cresceram e estão bem próximas a sua casa e seus vizinhos praticamente mudaram-se todos. A silvicultura com o

passar do tempo pouquíssimo manejos requer, e segundo informação da mesma, ninguém do local foi efetivamente contratado para trabalhar na mesma. E prossegue em suas reminiscências sobre as pessoas que havia ali:

Bem mais pessoas nesse entorno! Bem mais! Era muita gente! Em torno... Olha em torno mais ou menos, é... Devia ter... Acho... Que... Acho que chegou a ter trinta famílias! Porque tinham, eles tinham uma vila! Era muita gente trabalhando! Era uma... Uma fazenda de mais ou menos... De seiscentos bois! De muitos “mil” sacos de arroz! E fazenda de vender... Cinquenta mil litros de leite no mês! (silencia)[E agora?- Pergunto] Não existe mais nada! (se emociona) [pergunta Ficaste no meio dos eucaliptos?]Fico... Todo o mundo vendeu, ficamos só nós no meio do eucalipto! Lugar aqui, que era um lugar também, que morava... Bastante gente! (Dilma Lucy Costa Acosta, 60 anos, Belendengue)

A perda dos amigos que se foram pode-se dizer que é o que mais dói a esses moradores. A solidão do espaço e as ruínas que vão se formando pelo abandono das casas, trazem um sentimento de tristeza aumentando a sensação de vazio. São as ditas “taperas” que surgem e que sempre foi causa de dor ao habitante rural. Para a cultura local, a tapera é sinônima de morte ou de abandono por quem teve de partir por não conseguir sobreviver do campo. A sede da fazenda mencionada em sua fala, foi por muito tempo referencia de prosperidade e emprego para muitos dessa região que ali trabalharam por longos períodos, reforçando os laços de amizade tão comuns aos que pela distancia dos centros urbanos se unem pela vivencia partilhada.



Figura 8: Casa da fazenda Vale da Prata e galpão. Fonte: foto do acervo particular da autora

São efeitos desses novos tempos, e onde o agricultor começa a ver-se acuado em seus espaços que são parte de sua própria vida, como no caso de Remy D. Acosta que ainda mora no mesmo local em que nasceu e hoje teve que adaptar-se a essa nova paisagem. Ele nos diz ter sido muito difícil nos primeiros dois anos, mas a única solução foi adaptar-se e buscar novos estímulos que amenizasse essa transformação, que viu não ter sido tudo aquilo o que temia como nos fala:

(ainda vês igual?) Não dá pra ver mais. Porque os eucaliptos tomaram conta! A pastagem... A paisagem que eu olhava pra frente, se via três, quatro quilômetro, hoje nós não se vê... Trezentos metros. Então... Os eucaliptos tomaram conta!! Só, a única paisagem que tem é da estrada! É a única coisa que tem! Aqui, aonde eu tô! Eu, o meu pedaço aí que não tem um pé de eucalipto, não tem nada. Esse aí, **enquanto eu tiver aqui não vão plantar!**(Tu mantém?) Mantém! (Estás brigando com o eucalipto, então? Não queres aqui no teu...) Não, eu não estou brigando, eu esperava até que fosse... Eu não sei, falavam tanta coisa! Que ia se tão difícil; que não ia criar pasto, que eu não ia ter água! Mas nada disso aconteceu. Ele é chato!! Viver no meio desses matos de eucalipto é... É bastante chato! Mas tanto vai que tu acostuma. (**Remy Diniz Acosta, 69 anos, Belendengue**)

As reais consequências da silvicultura de eucalipto ainda é polêmica, não só aqui em nossa região, mas no amplo debate sobre essa cultura que acontece em vários setores da ciência, da parte Ambiental à Agrônômica. Não há realmente um consenso sobre o seu comportamento quanto a absorção de água ou dos nutrientes do solo, por ser essa uma planta exótica ao nosso continente e ainda não terem chegado a uma pesquisa conclusiva no país, inclusive em outros locais do globo. Às visões que encontramos entre o material buscado são apresentados conforme os interesses que defendem. No ano de 2002 aconteceu na cidade vizinha de Pelotas o III Seminário do Setor Florestal, cujos anais foram editado em forma de compêndio. O objetivo desse seminário seria:

Reunir empresários, reflorestadores, produtores, Secretários de Agricultura, sindicalistas rurais e técnicos de diferentes setores envolvidos com a exploração de produtos de base florestal para uma rodada de negócios, visando alavancar o desenvolvimento florestal na Mesorregião Metade Sul do RS. (III Seminário do Setor Florestal – 2002, p8)

Esse Seminário traz uma visão bastante positiva do setor, com apoio e palestra do representante do Banco do Brasil apresentando os incentivos e programas disponibilizados ao investidor florestal, esses anais trazem uma lista de 112 participantes. E como traz escrito em seus objetivos, esse Seminário era voltado ao setor produtivo e não aos pequenos produtores que acabariam sendo os mais afetados por ela.

Quanto aos efeitos problemáticos diretamente gerados por essa cultura, não foi efetivamente observado por esse morador dos arredores conforme fala Eledy Mendonça:

Olha ô Nádia eu sinceramente, o que eu acho, pelo meu conhecimento que eu tenho, a experiência que eu tenho, se tu plantares alguma coisa em baixo de uma árvore ela não dá! E aquela árvore o eucalipto, eu não sei a profundidade que vai a raiz dele. Dizem, que vai a sete metros, dizem, que ele puxa água a sete metros! Eu não sei. Dizem! Isso aí foi dito pelo pessoal da EMATER, da FURG, que o eucalipto, ele, suga cinquenta litro de água por dia! Um eucalipto suga cinquenta litros de água por dia! Agora, isso a

FURG disse aqui pra nós. Bom... Agora, eu pergunto assim: Milhões de pés de eucalipto que tem aqui, que disseram que até nossas cacimbas iam secar. Por enquanto ainda não secaram! (...) Bom, por enquanto eu não vejo... Não posso dizer... Que tenha agravado sobre a seca, sobre a ecologia aqui assim... O meio ambiente, eu não noto, por que a coisa é muito lenta, a coisa é muito lenta, é como tu olhar o ponteiro de um relógio e tu não vê ele se mexer! Então... Hã... Se tem alguma gravidade a gente não vai chegar a notar!!  
**(Eledy Mendonça, 76 anos, Palma)**

Para esses moradores descartando o desconforto da paisagem, não foram notadas as grandes modificações que temiam, conforme palavras de Eledy Mendonça e RemyD. acosta. Porém quanto a paisagem não são somente os habitantes das cercanias das silviculturas que a repudiam, pois o trabalho de Frank Gonçalves Pereira trouxe “um estudo da percepção ambiental e preferência paisagística” do Bioma Pampa. E nesse trabalho conclui:

A paisagem dos cultivos de árvores apresenta os elementos menos preferidos e menos representativos do Pampa, porque descaracterizam duplamente o Pampa, na sua paisagem campestre e como causa e consequência do declínio e do fim das atividades tradicionais no Pampa. Portanto, a harmonia da paisagem com a natureza, mostra-se como ponto importante. A paisagem do Pampa é extremamente sensível a qualquer elemento alheio à sua realidade histórica e natural campestre. (PEREIRA, 2012, p.145)

Essa pesquisa foi efetuada entre alunos universitários oriundos de diversos locais, e o repúdio a paisagem da silvicultura do eucalipto como paisagem pampeana foi bastante expressiva, conforme o resultado acima transcrito.

Essa mesma lógica parece ser a que encontramos em nossos pesquisados que além do distanciamento dos amigos e conhecidos, a transformação das atividades comuns a esses espaços toma uma proporção bastante significativa a cultura local. Descaracterizando aquilo com que conviveram ao longo da vida, seja no manejo com o gado, na produção familiar e até mesmo na lavoura de arroz, cultura com que já estão localmente aclimatados.

Essa apreciada companheira hoje se tornou sinônimo de desolação. Os galhos verdejantes dessas matas já não oferecem a sombra amiga, mas simbolizam o ocaso de um tempo em que o gado de corte e leiteiro era abundante no local, onde peões e trabalhadores rurais dividiam o espaço em harmonia. Onde a vizinhança era farta e hospitaleira, e a produção agrícola completava tranquilamente o seu ciclo anual. São as transformações que chegaram nas asas do “dito” progresso levando de roldão muito do que esse simples campônio culturalmente cultivou.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as entrevistas, diversos outros assuntos foram surgindo no momento em que a memória foi sendo lentamente desperta, abrindo-se a porta do passado e deixando a luz do presente acordar no mais recôndito recanto da mente o que estava adormecido. Muito de mim também se fez novamente presente, pois nossas lembranças são construídas através de fragmentos de memória numa bricolagem interativa entre passado e presente. Ressignificadas através das experiências vividas. Daí sua originalidade como fato único apesar de inserida no coletivo. Essas recordações apesar de partilhadas trazem um traço de individualidade na lente da memória de cada um. Iguais e diferentes, com pontos destoantes apesar da realidade comum a todos, se complementando e criando um retrato do passado como num simples quebra-cabeça infantil.

Foram despertadas lembranças de um tempo em que os colchões recebiam de recheio as palhas de milho ou palhas do arroz e ninguém “reclamava da coluna” como disse Dilma Lucy C. Acosta. Quando às diversões, do jovem ao idoso, eram corridas de cavalo em “cancha reta” ou nos torneios e jogos de times de futebol amador, que proliferavam nessas áreas e que hoje em sua grande maioria não existem mais.

Quando a dança era praticada em piso de chão batido ao som de um toca-fitas, mas que a diversão era garantida! E as serenatas ainda presentes ao som de alguns violões que amigos prestimosos alegremente tocavam. Um tempo em que a agricultura familiar era muito forte mas que porém, a produção e o ganho era sempre muito pouco. As reses no campo abundavam, e as ovelhas recebiam a tosa das mãos de trabalhadores dispostos e alegres que se reuniam para esse trabalho ao som das tesouras de “tosquia” (tosar). Toda lida era feita de forma rudimentar e manual, e pouco a pouco foi mudando a sua face. Se modernizando através da mecanização da lavoura que também começou a receber os venenos até então inexistentes, facilitando o manejo, mas, ao mesmo tempo excluindo e deixando sua marca invisível e indelével nas pessoas e no meio ambiente rural.

Recordações que trouxeram de animais que já não se veem nestes campos como o avestruz, os bandos de “marrecões” e os pirilampos que já não alegam mais as noites escuras de verão! São tantas as mudanças, e tão curto o tempo.

De um passado tão próximo uma distância tão longa! Do transporte de tração animal a velocidade do carro atual. Do tempo do rádio como único meio de difusão de informação, ao

telefone celular e a internet em tempo real. Da pequena televisão em preto e branco a bateria, á televisão de alta resolução com recepção de antena por satélite. Estas são umas entre tantas transformações em cinquenta e poucos anos, na área rural do município de Rio Grande. O que torna quase impossível a essa nova geração de jovens em tempo de globalização acreditarem de como se vivia logo ali, a bem pouco tempo atrás.

Os tempos são outros, mas as lembranças são as mesmas, e que infelizmente ninguém as quer ouvir. São lembranças dos excluídos da História oficial, do colono marginalizado por sua simplicidade, mas que carrega consigo a certeza de que: “o povo da cidade precisa do homem do campo”, para produzir o seu alimento, para gerar a sua subsistência.

Nossos colaboradores são em quase sua totalidade alfabetizados (com exceção de um) e conscientes de seu papel na sociedade, buscam manter-se informados e sempre que possível participam de cursos de qualificação quando ofertados, e se ressentem por não serem ouvidos em seus alertas aos venenos que vem sendo utilizados.

Todos tem uma forte noção de pertencimento ao seu lugar de origem, sentem orgulho do que são e não lamentam o que passaram, mas exaltam as facilidades que chegou pelos “postes” da eletrificação rural, coisa que hoje não saberiam passar sem. As melhorias nas condições de trabalho e de vida cotidiana são reconhecidas e louvadas entre todos numa unanimidade total.

Porém esse campônio atual também demonstra suas preocupações com o êxodo rural, a dificuldade de despertar nos jovens o desejo de permanecer no campo, o que perpassa todas as conversas, é o temor de não conseguirem ver a continuação de seus espaços ocupados e produzindo, dando prosseguimento ao seu legado.

A diferença hoje nas formas de vida, do labor cotidiano e da tecnologia a sua disposição, transformou em muito o viver desses habitantes, que não conseguem compreender como que com todo o conforto que a área rural já dispõe sem grandes diferenças do urbano, com a facilidade de transporte e de estradas, salvo algumas exceções, o jovem ainda sonhe com a vida na cidade. O avanço das lavouras extensivas que vai tomando cada vez mais força, encurralando quem ainda tenta manter seu meio ambiente resistindo a pressão dos grandes proprietários, e o esquecimento de uma cultura que um dia vivenciaram são algumas temáticas por eles levantados.

Esse singelo trabalho é um apêndice de algo maior a ser feito, pois a nossa cultura interiorana tem de ser preservada, para que no futuro a História do município do Rio Grande não fique com um hiato em suas páginas. São esses humildes produtores que vivenciaram

experiências tão complexa como a introdução dos venenos químicos, o surgimento das monoculturas extensivas, e uma transformação total em sua forma de viver através da chegada da tecnologia moderna e globalizante, e guardam dentro de si às páginas a serem escritas a posteridade. Mantendo assim vivos aqueles que invisivelmente construíram parte de nossa História.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Janaina. FERREIRA, Marieta de Moraes [org.]. **Usos & abusos da história oral** – 6. ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. [traduzido por Claudia Sant'Anna Martins] – 1 ed. São Paulo: Gaia, 2010.

CAVALIERE, Maria J; CALORE, Edenilson E.; PEREZ, Nilda M. e RODRIGUES PUGA, Flávio. **Miotoxicidade por organofosforados**. *Rev. Saúde Pública [online]*. 1996, vol.30, n.3, pp. 267-272. ISSN 0034-8910. <http://dx.doi.org/10.1590/S003489101996000300010>. [acessado em 22/10/2014]

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral – memória, tempo, identidade** – 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DRUMMOND, J. A. **A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.4, n.8, p.177-97, 1991.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FREITAS, Hilda Prietsch. **Análise dos aspectos políticos, econômicos e ambientais do cultivo de monocultura de eucalipto na Região Sul**. Monografia. Rio Grande, FURG: 2006.

LE GOFF, Jacques [org.]. **A HISTÓRIA NOVA**. [tradução Eduardo Brandão] – 4.ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MACHADO, Gilnei. **Qualidade das águas no canal São Gonçalo, Rio Grande do Sul – Brasil**. Dissertação (mestrado em Geografia.), Florianópolis, 2002.

MONTYSUMA, Marcos F. Freire. **In História Oral, desigualdades e diferenças**. [org] Robson Laverdi... [et al.]- Recife: Ed. Universitária da UFPE; [Florianópolis/SC] : Ed da UFSC, 2012. 333p.

PÁDUA, J. A. **As bases teóricas da história ambiental**. *Estudos Avançados*, vol.24, n.68, São Paulo 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142010000100009>[acessado em 27/09/2014]

PÁDUA, J. A. **Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

PEREIRA, Frank Gonçalves. **O PAMPA COMO BIOMA E PAISAGEM CULTURAL: Um estudo de percepção ambiental e preferencia paisagística**. 2012, Dissertação (Mestrado em Geografia) – universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande – RS.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. - 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. – 4. ed.– 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SEMINÁRIO DO SETOR FLORESTAL. **O setor florestal: uma rodada de negócios/ III Seminário do setor florestal**, Pelotas: s.n; 2002. (ANAIS)

TEIXEIRA, Althen Filho. [org.] **Eucaliptais - Qual Rio Grande do Sul desejamos?** - Design Editorial: ValderValeirão. Pelotas, RS, 2008.

THONPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**[trad. Lólio Lourenço de Oliveira]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIEIRA, E. Falcão. Colaboradora; Rangel, Susana Regina Salum. **Rio grande- Geografia física, humana e econômica**. Porto Alegre: Sagra, 1983.

WORSTER, Donald. **Para fazer história ambiental** – in *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p, 198-215.

WORSTER, Donald. **Transformações da terra: para uma perspectiva Agroecológica na história**. In *Ambiente & Sociedade* Volume V, n. 2, 2002, p, 23 a 44.

WORSTER, Donald. **Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história**. *Ambiente & Sociedade* [p 23 a 44] 2002, V (Agosto-Dezembro) : [data da consulta: 10 de outubro de 2014] Disponível em:  
<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=31713417003>> ISSN 1414-753X

FOTOS: <http://tratoresantigos.blogspot.com.br/2013/02/fotos-antigas-colheita-de-arroz-em.html> (acessado em 16/11/2014).

## **FONTES**

ECHO DO SUL. Rio Grande, 22 de dezembro de 1925, p.3.

JORNAL AGORA. Rio Grande, 21 e 22 de novembro de 2004, p.7.

JORNAL AGORA. Rio Grande, 27 e 28 de novembro de 2004, p.5.

## **FONTES ORAIS**

### **Colaboradores:**

\*Eledy Mendonça, Localidade da Palma. Entrevista concedida em 04/10/ 2014

\*João Álvaro de Freitas, localidade do Belendengue. Entrevista concedida em 13/10/ 2014

\*Clóvis Eledy Diniz Mendonça, localidade do Sarandi. Entrevista concedida em 13/10/2014

\*Olmy Delfino Mendonça, localidade do “Siola”, Entrevista concedida em 28/10/ 2014

\*Remy Diniz Acosta, localidade do Belendengue. Entrevista concedida em 06/11/ 2014

\*Dilma Lucy Costa Acosta, localidade do Belendengue. Entrevista concedida em 06/11/ 2014